

Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Ana Isabel da Silva Gonçalves

**Da literalidade ao desapego textual: Análise
da tradução realizada pelos alunos na UC
“Técnica e Prática da Tradução do Chinês”**

Relatório de Estágio

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:

Área de Especialização de Chinês para Falantes de Português

Trabalho realizado sob a orientação da

Doutora Bruna Peixoto

abril de 2024

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Como a realização de um trabalho desta natureza nunca é um ato isolado, deixo aqui algumas palavras de agradecimento a todos quantos me apoiaram e acompanharam nesta jornada.

À Professora Doutora Bruna Peixoto, minha orientadora, o meu mais sincero agradecimento pelo tempo, dedicação e paciência dispensados para levar este trabalho até ao fim.

À ELACH e, mais especialmente, ao Departamento de Estudos Asiáticos e à sua diretora, a Professora Doutora Sun Lam, pela oportunidade de realizar este estágio.

À Márcia, Sílvia e Tânia, por me acompanharem ao longo destes anos, pelo encorajamento e ajuda prestados sempre.

À minha família, por todo o apoio dado.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Braga, 24 de março de 2024

Nome completo: Ana Isabel da Silva Gonçalves

Assinatura:

Da literalidade ao desapego textual: Análise da tradução realizada pelos alunos na UC “Técnica e Prática da Tradução do Chinês”

Resumo

A globalização e consequente disseminação de culturas trouxe consigo um conjunto vasto de desafios sociolinguísticos e culturais, tanto maiores quanto maior for a distância entre as línguas e culturas, como acontece entre as línguas e culturas portuguesa e chinesa. Esta distância cultural impõe a necessidade da existência de traduções de qualidade, que auxiliem tanto na correta divulgação destas línguas e culturas, quanto a evitar conflitos e desentendimentos. Percebe-se então a necessidade de apoiar um ensino de qualidade que permita dotar os futuros tradutores de competências para um bom desempenho da sua atividade. Neste sentido, revela-se importante refletir e desenvolver estudos na área dos Estudos da Tradução, mais especificamente no âmbito do Ensino da Tradução Chinês/Português. Neste relatório procurou-se dar resposta às questões de se existe alteração do método de tradução preferido pelos alunos ao longo do semestre e se a competência linguística terá alguma influência nesta escolha. Os resultados encontrados permitem afirmar que a preferência inicial dos alunos pela tradução literal se vai alterando para uma tradução livre ao longo deste período.

Palavras-chave: Competências de Tradução; Competências Linguístico-comunicativas; Estudos da Tradução; Tradução literal; Tradução livre

From literality to textual freedom: Analysis of the students' translation made during the course unit "Technique and Practice of Chinese Translation"

Abstract

Globalization along with the diffusion of cultures – a direct consequence of the first – have been posing a whole range of sociolinguistic and cultural challenges. These are usually as big as the distance between both languages and cultures, which holds true in the case of Portuguese and Chinese languages and cultures. This cultural distance imposes the need for quality translations, important for the correct propagation of said languages and cultures, and furthermore for the prevention of misunderstandings and conflicts. It becomes evident the urge to aid good teaching in shaping the future translators, to provide them with the competences to perform their work well. In this regard, it is crucial to ponder on these topics and to develop more studies in the field of Translation Studies, specifically in the area of Teaching Chinese/Portuguese Translation. With this report, we sought to answer the questions of whether there would be a change in the translation method preferred by students throughout the semester, and whether linguistic competence would have any influence on this choice. The results found allow us to claim that the students' initial preference for the use of literal translation has changed to that of a free translation throughout this period.

Key Words: Free Translation; Linguistic and Communicative Competence; Literal Translation; Translation Competence; Translation Studies

从直译到意译：《汉语翻译技巧与实践》课程单元学生翻译法选择的分析

摘要

全球化和随之而来的文化传播带来了一系列社会语言和文化的问题。语言和文化间距越远，问题越大，对于葡萄牙和中国的文化来说也是如此。遥远的文化距离则更加需要高质量的翻译，以便正确传播这些语言和文化，并避免冲突和错会。由此可见，在培养未来译者的过程中，必须辅以高质量的翻译教学，使他们具备出色的能力。因此，有必要在中葡翻译教学领域开展更多的学术探讨和研究。本实习报告旨在回答以下问题：在一学期的学习过程中，学生们所偏好的翻译方法是否发生了变化，语言能力是否会对这种选择产生影响。研究结果表明，在此期间，学生们的偏好从最初的直译法转向了意译法。

关键词：翻译能力；翻译研究；意译；语言与交际能力；直译

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I - Local de Estágio e tarefas.....	3
1.1 Universidade do Minho e Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas	3
1.2 Departamento de Estudos Asiáticos e Licenciatura em Estudos Orientais.....	6
1.3 UC “Técnica e Prática da Tradução do Chinês” e Tarefas.....	7
Capítulo II – Literalidade, desapego textual e competência de tradução	9
2.1 Tradução e Ensino de Tradução.....	9
2.2 Competência de Tradução	11
2.3 Competência linguística e comunicativa	17
2.4 Tradução literal vs. Tradução livre	18
Capítulo III – Análise de traduções realizadas na UC “Técnica e Prática da Tradução do Chinês”	25
3.1 Metodologia utilizada	25
3.2 Recolha e tratamento dos dados.....	29
3.3 Análise dos resultados	33
Conclusão	43
Referências	45
Anexo I – Compilação dos dados analisados	48
Anexo II – Textos das Atividades analisadas	51
Anexo III – Ficha de apreciação de desempenho de estágio.....	53

Lista de Siglas

DEA – Departamento de Estudos Asiáticos

ELACH – Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

ID – identificador anónimo (em forma numérica)

LC – Língua de Chegada

LEO-ECJ – Licenciatura em Estudos Orientais: Estudos Chineses e Japoneses

LP – Língua de Partida

L2 – Língua Segunda

MEIPC – Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Chinês para Falantes de Português

Tda – Tradução de Autor

TP – Texto de Partida (texto na língua original)

TC – Texto de Chegada (texto traduzido)

UC – Unidade Curricular

UM/UMinho – Universidade do Minho

Índice de Figuras

Figura 1 - Factos e números (Universidade do Minho, s.d.d).....	3
Figura 2 - Factos e números (continuação) (Universidade do Minho, s.d.d)	4
Figura 3 - Brasão da UMinho (Universidade do Minho, s.d.b).....	4
Figura 4 - Símbolo da UMinho (Universidade do Minho, s.d.f)	4
Figura 5 - Símbolo da ELACH (Universidade do Minho, s.d.f)	5
Figura 6 - Mapa do campus de Gualtar (Universidade do Minho, s.d.h).....	5
Figura 7 – “Aprendizagem de L2 vs. Aprendizagem de tradução” (“Second language learning vs learning to translate”) (Popescu, 2011, p. 1187).....	14
Figura 8 – “Objetivos de aprendizagem para a disciplina de tradução” (“Learning objectives for a translation course”) (Popescu, 2011, p. 1188).....	15
Figura 9 - Modelo de Competência de Tradução (PACTE, 2003, p. 18).....	15
Figura 10 - Modelo de Competência de Tradução do Grupo PACTE (Tda.).....	15

Figura 11 - Subcompetências do Modelo Final de Competência de Tradução do Grupo PACTE (Salamah, 2021, p. 281)	16
Figura 12 - Diagrama em "V" sobre os métodos de tradução (Newark, 1988).....	20
Figura 13 - Métodos de tradução usados na Atividade 4, no ano 1	35
Figura 14 - Métodos de tradução usados na Atividade 4, no ano 2	35
Figura 15 - Métodos de tradução usados na Atividade 4, no ano 3	35
Figura 16 - Métodos de tradução usados na Atividade 4, total	35
Figura 17 - Métodos de tradução usados na Atividade 7, no ano 1	36
Figura 18 - Métodos de tradução usados na Atividade 7, no ano 2	36
Figura 19 - Métodos de tradução usados na Atividade 7, no ano 3	36
Figura 20 - Métodos de tradução usados na Atividade 7, total	36
Figura 21 - Métodos de tradução usados na Atividade Final, no ano 1	37
Figura 22 - Métodos de tradução usados na Atividade Final, no ano 2	37
Figura 23 - Métodos de tradução usados na Atividade Final, no ano 3	38
Figura 24 - Métodos de tradução usados na Atividade Final, total	38

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Plano curricular da Licenciatura em Estudos Orientais, vigente em 2021, data em que a autora concluiu a Licenciatura (elaboração própria)	7
Tabela 2 - Média e Moda totais	34
Tabela 3 - Média e Moda da Atividade 4.....	34
Tabela 4 - Média e moda da Atividade 7.....	35
Tabela 5 - Média e moda da Atividade Final	37
Tabela 6 - Resumo das notas obtidas pelos alunos.....	38
Tabela 7 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de CM V, na Atividade 4.....	39
Tabela 8 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de CM VI, na Atividade Final	39
Tabela 9 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de CM VI, na Atividade 4.....	39
Tabela 10 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de Tradução, na Atividade 4	39
Tabela 11 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de Tradução, na Atividade Final	40

Introdução

A globalização e conseqüente disseminação de culturas trouxe consigo um conjunto vasto de desafios sociolinguísticos e culturais, tanto maiores quanto maior for a distância entre as línguas e culturas, que interagem a cada momento, por exemplo, entre a língua portuguesa e a chinesa, entre as culturas de língua portuguesa e as de língua chinesa. Percebe-se, portanto, a importância da existência de traduções de qualidade, que auxiliem tanto na correta divulgação destas línguas e culturas, quanto a evitar conflitos e desentendimentos. Para que existam traduções de qualidade é relevante que exista um ensino eficaz e de qualidade, que dote os futuros tradutores de competências para um bom desempenho da sua atividade. Neste sentido, para apoiar um ensino de qualidade da tradução, revela-se importante refletir e desenvolver estudos na área dos Estudos da Tradução, mais especificamente no âmbito do Ensino da Tradução Chinês/Português. Presentemente, esta é uma área em que escasseiam estudos e artigos, que se compreende pela complexidade e dificuldade de definição de conceitos. Contudo, é primaz desenvolvê-los, mesmo que contenham lacunas, para que haja uma maior troca de ideias e reflexões sobre o tema.

Este estágio foi desenvolvido no Departamento de Estudos Asiáticos da Universidade do Minho, de forma a efetuar o acompanhamento da Unidade Curricular (UC) “Técnica e Prática da Tradução do Chinês”, no ano letivo 2022/23. Esta UC insere-se no plano curricular da Licenciatura em Estudos Orientais: Estudos Chineses e Japoneses (LEO-ECJ), a qual a autora também frequentou antes de iniciar o Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês. Esta UC é parte do currículo do terceiro ano, pelo que os alunos acompanhados se posicionam num patamar intermédio de competências linguísticas de chinês moderno. O acompanhamento da UC de Tradução teve como objetivo efetuar uma análise da tradução realizada pelos alunos ao longo do semestre, nomeadamente, quais métodos são mais utilizados, se existe alteração do método preferido pelos alunos e se poderá existir influência do nível de competência linguística nessa escolha. Paralelamente, proceder-se-á a uma comparação com os dois anos letivos anteriores, 2020/21 e 2021/22, para verificar as semelhanças e diferenças existentes.

Essencialmente, pretende-se perceber se existe uma ligação de causa-efeito entre o método de tradução preferido pelo aluno e o nível de competência linguística que este possui. Através desta análise, tentar-se-á obter resposta a uma série de questões, nomeadamente: *O nível de chinês inicial tem correlação com o método de tradução que os alunos mais utilizam? Existe uma mudança no método de tradução mais utilizado pelos alunos ao longo do semestre? Existe correlação entre o método de tradução*

mais utilizado na atividade final e o nível de competência linguística atingida pelo aluno no final do semestre? Existem diferenças significativas comparando com os dois anos letivos anteriores?

No que concerne ao presente relatório, através do primeiro capítulo, pretende-se que o leitor fique a conhecer melhor a instituição na qual foi realizado o estágio, ou seja, que se compreenda onde está sediada, como se organiza, quais os símbolos e valores pertencentes à Universidade do Minho, assim como do Departamento de Estudos Asiáticos, entre outros aspetos relevantes. Adicionalmente, será enquadrada a disciplina acompanhada ao longo do estágio, “Técnica e Prática da Tradução do Chinês”, para que se entenda os seus objetivos de ensino e as tarefas desenvolvidas.

O segundo capítulo prender-se-á com o “estado da arte” e teorias desenvolvidas nesta área, incidindo particularmente sobre o estudo da Tradução e do ensino da Tradução, sobre as competências de tradução, sobre as competências linguístico-comunicativas e sobre os métodos de tradução, nomeadamente, a tradução livre e a tradução literal. Procurou-se, ademais, incluir o que se debate em chinês e/ou na China sobre estes assuntos.

O terceiro e último capítulo explanará a metodologia, modo de recolha e tratamento dos dados recolhidos para este relatório, assim como os resultados encontrados. Aqui serão igualmente definidos os termos utilizados na análise, tal como as suas limitações. Uma vez que se pretende analisar e comparar os métodos de tradução utilizados pelos alunos, sabendo que existem vários métodos de tradução, que podem ser escolhidos pelos alunos para atingir o mesmo fim (o texto traduzido), o foco recairá em três métodos principais (literal, misto e livre), que serão definidos neste terceiro capítulo e onde serão englobados os restantes métodos de tradução, com exceção do que será considerado tradução com sentido desviante do Texto de Partida (TP), que se incluirá nos termos tradução mecânica e tradução demasiado livre, e omissão.

Capítulo I - Local de Estágio e tarefas

O estágio no Departamento de Estudos Asiáticos da Universidade do Minho decorreu de forma não presencial desde 13 de fevereiro a 30 de junho de 2023, correspondendo ao segundo semestre do ano letivo 2022/2023. Deste modo, foi possível acompanhar a evolução dos alunos ao longo da UC de “Técnica e Prática da Tradução do Chinês”, como também prestar apoio à docente, em termos de realização de tarefas simples que se concretizaram em material a ser trabalhado em aula, por exemplo, fazer uma pré-seleção de frases para corrigir em aula.

1.1 Universidade do Minho e Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

A Universidade do Minho foi fundada em 1973, no Norte de Portugal. Atualmente tem os seus *campi* universitários nas cidades de Braga e de Guimarães. A Universidade possui uma estrutura organizacional flexível, sendo as Escolas e Institutos as suas estruturas base. No presente, existem as Escolas de Arquitetura, de Ciências, de Direito, de Economia e Gestão, de Engenharia, de Letras, Artes e Ciências Humanas, de Medicina, de Psicologia e Escola Superior de Enfermagem, e Institutos de Ciências Sociais e de Educação.

A UMinho possui ainda um conjunto de infraestruturas e serviços de apoio aos estudantes, desde bibliotecas e laboratórios de informática, pavilhões desportivos, cantinas, residências, reprografias ao acesso a uma rede *Wireless* de banda larga. (Universidade do Minho, s.d.e)

Podemos observar, nas figuras 1 e 2, alguns factos e números sobre a Universidade:

 3 campi	 4 complexos multifuncionais	 1 parque de ciência e tecnologia	 12 Escolas e Institutos	 19 722 total de estudantes	 +3 000 Estudantes Estrangeiros
 1703 Professores e Investigadores	 721 pessoal técnico, administrativo e de gestão	 31 unidades de investigação	 27 centros avaliados com Excelente ou Muito Bom	 11 Laboratórios Colaborativos	 603 Projetos de investigação em curso
 11 unidades de interface	 48 spin-offs	 110/43 Patentes concedidas (nacionais e internacionais)	 72M€ impacto económico directo	 3 363 Publicações Científicas	 55 #55 do mundo no UI GreenMetric Sustainability Ranking (#1 em Portugal)

Figura 1 - Factos e números (Universidade do Minho, s.d.d)

 1 relatório de sustentabilidade registo no global reporting initiative	 1 mais ativa da Europa em desporto universitário em 2017	 11 Unidades Culturais e Diferenciadas	 500 eventos culturais/ano	 8 bibliotecas	 1 orquestra
---	--	--	--	--	--

Figura 2 - Factos e números (continuação) (Universidade do Minho, s.d.d)

Outro dado relevante é que, em setembro de 2023, a UMinho inaugurou um supercomputador, “Deucalion”, no campus de Azurém, num projeto conjunto da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e da empresa comum europeia EuroHPC.

Em termos de símbolos podemos destacar:

- O brasão (fig. 3), que possui, em timbre, uma serpente alada, símbolo da sabedoria, na parte superior do escudo um livro aberto de alfa a ómega, símbolo do conhecimento, e na parte inferior jacintos em campo de prata, símbolo da humildade científica. (Universidade do Minho, s.d.b)
- O símbolo da Universidade (fig. 4), a estrela de seis pontas, que nasce duma interpretação gráfica da flor de jacinto presente no brasão. Da estrela resultam ainda os diferentes símbolos usados pelas Escolas e Institutos da UMinho. (Universidade do Minho, s.d.f)



Figura 3 - Brasão da UMinho
(Universidade do Minho, s.d.b)

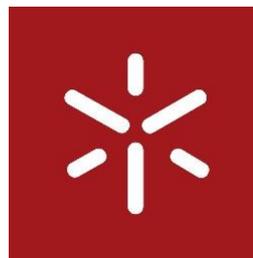


Figura 4 - Símbolo da UMinho
(Universidade do Minho, s.d.f)

A Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas (ELACH) foi criada em 1973, pelo Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de agosto, então denominada Unidade Científico-Pedagógica de Letras e Artes, passou a ser designada Instituto de Letras e Ciências Humanas em 1988, assumindo a presente denominação em 2021, de forma a integrar as valências artísticas de Música e Teatro.

A ELACH adota como cor simbólica o azul, definido no manual de identidade gráfica da UM, como se pode observar na fig. 5.



Figura 5 - Símbolo da ELACH (Universidade do Minho, s.d.f)

A ELACH é sediada no *campus* de Gualtar (Braga), onde ocupa o edifício número 5, no mapa abaixo (fig. 6). Ai podem ser encontrados o gabinete do Presidente, os serviços administrativos e técnicos, os gabinetes dos docentes e investigadores, o BabeliUM (centro de línguas), a Biblioteca Vítor Aguiar e Silva, um auditório e várias salas de reunião e de aula. (Universidade do Minho, s.d.c)

Presentemente, está estruturada em sete departamentos e dois centros de investigação: Estudos Asiáticos, Estudos Germanísticos e Eslavos, Estudos Ingleses e Norte-Americanos, Estudos Portugueses e Lusófonos, Estudos Românicos, Filosofia e Música, o Centro de Estudos Humanísticos e o Centro de Ética, Política e Sociedade. (Universidade do Minho, s.d.a)

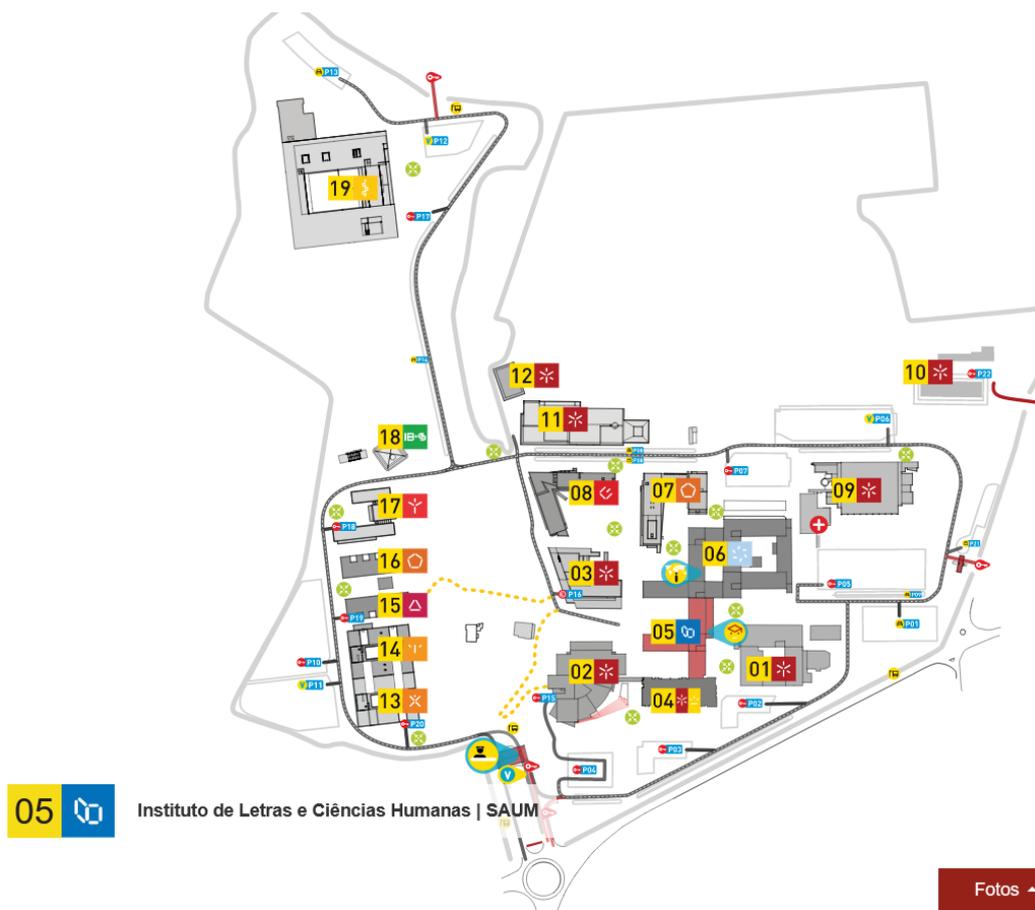


Figura 6 - Mapa do campus de Gualtar (Universidade do Minho, s.d.h)

1.2 Departamento de Estudos Asiáticos e Licenciatura em Estudos Orientais

O Departamento de Estudos Asiáticos (DEA) é parte integrante da ELACH. O DEA, sucessor do Centro de Línguas e Culturas Orientais (1991 – 1997), desenvolve a sua atividade nas áreas de Sinologia (estudos chineses) e Japonologia (estudos japoneses), promovendo o ensino e a aprendizagem destas línguas e culturas. Em 2004, foi criada a Licenciatura em Estudos Orientais: Estudos Chineses e Japoneses (LEO-ECJ), complementada mais tarde pelo Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês, com as áreas de Especialização em Chinês para Falantes de Português e de Especialização em Português para Falantes de Chinês (MEIPC), anterior Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial. (Departamento de Estudos Asiáticos, s.d.a)

A Licenciatura em Estudos Orientais tem por objetivo dotar os seus estudantes com competência linguística, capacidade comunicacional e sensibilidade cultural relativamente às culturas chinesa e japonesa. Deste modo, para além da forte incidência no ensino de chinês moderno, para quem escolhe a área de chinês, e de japonês moderno, para quem escolhe seguir japonês, contempla também no seu plano curricular as unidades curriculares (UC) de história, geografia, cultura, filosofia, entre outras, ligadas tanto à China como ao Japão. (Departamento de Estudos Asiáticos, s.d.b) Dentro destas UC destaca-se a de “Técnica e Prática da Tradução do Chinês” por ser objeto deste relatório.

O plano curricular da Licenciatura sofreu alterações recentemente. Todavia, estas não tiveram influência nos alunos acompanhados ao longo do estágio já que estes não foram afetados pela mudança e seguiram o plano curricular anterior, que pode ser consultado na tabela 1, abaixo. No plano curricular da Licenciatura estabeleceu-se uma unidade curricular de chinês moderno por semestre. Deste modo, no primeiro ano, os alunos frequentam a UC de chinês moderno I e II, devendo, no final do mesmo, atingir o nível de HSK II¹. No segundo ano, os alunos frequentam as UC de chinês moderno III e IV, devendo, no final, atingir o nível HSK III. Por conseguinte, ao chegarem ao terceiro ano da licenciatura é suposto terem completado as UC de chinês moderno I a IV, atingindo, deste modo, o nível de HSK III. Ademais, uma vez que a UC de Tradução se encontra no segundo semestre do terceiro ano, é expectável que os alunos tenham frequentado também a UC de chinês moderno V, o que os colocará num nível de HSK IV- ou B1+ do CEFR².

¹ HSK – *Hanyu Shuiping Kaoshi* (汉语水平考试, *Hànyǔ Shuǐpíng Kǎoshì*) ou Teste de Proficiência em chinês é o teste padrão internacional usado para aferir a proficiência linguística em chinês de falantes não-nativos. Atualmente, encontra-se dividido nos níveis: HSK I, HSK II, HSK III, HSK IV, HSK V, HSK VI e HSK VII – IX. (Chinese Testing International Co., Ltd., s.d.)

² CEFR (*Common European Framework of Reference for Languages*). (União Europeia, s.d.)

Semestre	1º ano	2º ano	3º ano
1	Chinês Moderno I	Chinês Moderno III	Chinês Comercial e Turístico
	Cultura Popular Chinesa	História da China até Ming	Chinês Moderno V
	História da Expansão Portuguesa no Extremo Oriente	Relações Entre a Europa e o Extremo Oriente	Estudos Interculturais Portugal/China
	Japonês Moderno I	Japonês Moderno III	Cultura Japonesa II
		História do Japão I	Opção I
2	Chinês Moderno II	Chinês Moderno IV	Opção II
	Geografia do Japão	Cultura Japonesa I	Chinês Moderno VI
	Geografia Humana, Económica e Turística da China	História da China a partir dos Ming e Poesia Clássica	China Económica e Política, Mercado e Cultura Empresarial
	Japonês Moderno II	História do Japão II	Opção UMinho
		Japonês Moderno IV	Técnica e Prática da Tradução do Chinês

Tabela 1 - Plano curricular da Licenciatura em Estudos Orientais, vigente em 2021, data em que a autora concluiu a Licenciatura (elaboração própria)

Para além das UC de chinês moderno, as restantes UC integradas no plano da Licenciatura, sejam de história, cultura ou até de geografia, permitem, igualmente, que os alunos desenvolvam a sua compreensão da língua chinesa ao, por um lado, lhes proporcionar o conhecimento de outros caracteres ligados aos nomes de locais, personalidades ou elementos culturais específicos e, por outro lado, lhes facultar o contexto ou origem dos mesmos, permitindo, assim, interligar as UC e o aprofundamento do conhecimento linguístico dos alunos em contexto aplicado.

1.3 UC “Técnica e Prática da Tradução do Chinês” e Tarefas

A UC de “Técnica e Prática da Tradução do Chinês” insere-se no segundo semestre do terceiro ano da Licenciatura em Estudos Orientais. Consequentemente, os alunos conseguem aproveitar os conhecimentos linguísticos, culturais, geográficos e históricos adquiridos ao longo da licenciatura. Esta UC pretende sensibilizar os alunos para a distância e dificuldades linguísticas e socioculturais na tradução entre chinês e português.

Esta UC tem duas componentes, uma teórico-prática, com o recurso a exercícios de tradução, para realizar uma reflexão teórica da metodologia usada em tradução deste par de línguas, e uma componente prática, em que os alunos são incentivados a traduzirem, em grupo, textos de chinês para português, para praticarem o que foram aprendendo. (Universidade do Minho, s.d.g)

Em termos de tarefas, no decorrer do acompanhamento desta UC, corriji as respostas dadas a algumas das atividades, inclusive fiz uma primeira avaliação da Atividade Final, assim como elaborei a recolha e síntese das respostas dadas pelos alunos em várias atividades, tanto em documento *Word* como em apresentação de *PowerPoint*, para que a professora pudesse utilizar essa compilação nas aulas seguintes, para reflexão e correção desses exercícios. Dependendo da atividade, o foco do que precisava compilar variava, por exemplo, numa atividade recolhia as respostas mais frequentes, noutra apenas selecionava os principais erros dados ou dificuldades apresentadas pelos alunos.

Relativamente às tarefas diretamente ligadas ao objeto de estudo deste relatório e para atingir os objetivos propostos no mesmo, procedi à análise das teorias sobre a competência em tradução e competência linguística, através da leitura e estudo de trabalhos já realizados na área, o que constitui o seguinte Capítulo II.

Paralelamente, recolhi dados sobre as notas das Unidades Curriculares de Chinês Moderno V e VI e de Técnica e Prática da Tradução do Chinês, de forma a observar se existe ou não uma relação entre o nível de competência linguística dos alunos e o método de tradução que mais utilizam. Assim como, ao longo do acompanhamento desta UC, recolhi dados sobre as tarefas realizadas individualmente pelos alunos, nomeadamente, as atividades n.º 4 (Texto “马马虎虎 [*mǎ mahǔ hu*]”), n.º 7 (Texto “狗不理 [*gǒu bù lǐ*]”) e a Atividade Final (Texto “吃在中国 [*chī zài zhōngguó*]”). Estes dados são relativos ao presente ano letivo e aos dois anos anteriores. Por último, analisei os mesmos à luz da teoria veiculada no Capítulo II.

Resumidamente, a maioria das tarefas desenvolvidas ao longo do estágio prendem-se com a recolha e análise de traduções feitas pelos alunos na UC de Tradução, de forma a verificar quais os métodos preferidos pelos mesmos.

Capítulo II – Literalidade, desapego textual e competência de tradução

Neste capítulo, começando do mais global para o mais específico, abordar-se-á a tradução e o ensino de Tradução (relevante para dar enquadramento geral ao trabalho), seguido pelas teorias respeitantes à competência de tradução, ao que se seguem algumas conjecturas relativamente à competência linguística. Por último, discorrer-se-á acerca dos métodos de tradução, no geral, e, especificamente, sobre os métodos de tradução livre e literal.

Por fim, o que se pretende é estabelecer uma relação entre a competência de tradução e a competência linguística, para que se possa avançar com presunções base na análise de dados. E, estabelecer alguns critérios para a definição dos métodos de tradução livre e literal, de forma a serem implementados também na análise dos dados do capítulo III.

2.1 Tradução e Ensino de Tradução

Posto que um dos objetivos deste trabalho se prende com a determinação de uma relação entre a competência de tradução e a competência linguística, revela-se oportuno iniciar o enquadramento do tema por uma visão geral acerca da Tradução e o Ensino da Tradução. Para tal, apoiar-nos-emos em três textos principais.

O primeiro é o artigo “Translation Competence and Translator Training: A Review” de Dania Salamah (2021), leitora do Departamento de Língua Inglesa da Universidade Rei Saud (em Riade, Arábia Saudita), onde ministra aulas sobre tradução. O segundo é uma tese de mestrado da Universidade Nacional da Costa Rica, em Tradução de inglês – espanhol, com o título “Proficiency guidelines to determine levels of communicative translation competence in translation training” (2007) de Catalina Domian Sánchez. O terceiro é um capítulo, intitulado “Developing mediation competence through translation” de Maria González-Davies, da obra “The Routledge Handbook of Translation and Education” (2020), que tem como finalidade apresentar o estado da arte da Tradução em contexto educacional a nível global.

De acordo com Salamah (2021), a tradução teve origem na necessidade de comunicação entre pessoas que não falam a mesma língua. Já Sánchez (2007) refere a tradução como um processo dinâmico, cujo propósito é alcançar a comunicação intercultural e interlinguística. Assim, um tradutor tem de interpretar o significado do Texto de Partida (TP), expressá-lo na língua de chegada (LC) e negociar as convenções linguísticas e culturais entre ambas as línguas, de modo a tornar o Texto de Chegada (TC) o mais natural possível para o leitor.

Para González-Davies (2020), uma tradução aceitável obedece aos seguintes critérios: “(1) mantém a mensagem e efeito do TP, (2) demonstra claramente o uso de estratégias de tradução e de recursos apropriados à resolução de problemas de transferência, e (3) conserva as convenções da comunidade de chegada e da tarefa.”³ (p. 445)

A tradução pode então ser entendida como um processo ou capacidade mediadora interlinguística e intercultural.

Quanto aos Estudos da Tradução (“Translation studies”), ou, mais comumente usado em português, a Tradução (disciplina), o que a literatura nos diz é que emergiu na segunda metade do séc. XX (Language Network, 2021), ainda não como disciplina própria, mas acoplada a outras disciplinas, como é o caso da Literatura e da Linguística, sendo considerada por alguns como um ramo da Linguística Aplicada (Salamah, 2021).

Salamah (2021) refere que “[o]s Estudos da Tradução são a disciplina acadêmica relacionada à Tradução”⁴ (p. 276) Adianta ainda que o ramo do Ensino da Tradução tem permanecido uma área de estudo pouco investigada relativamente a outros ramos dos Estudos Aplicados de Tradução. Menciona também que “[a] formação em Tradução está preocupada com os métodos de ensino, avaliação e conceção do currículo. A junção destes elementos pedagógicos é a base do treino e preparação dos tradutores.”⁵ (p. 277)

Podemos juntar a isto, que, segundo González-Davies (2020), “[a] tradução é uma competência chave de mediação, cuja complexidade não é habitualmente abordada, mesmo em abordagens plurilinguísticas (bem-intencionadas) à aprendizagem de uma língua, onde, simplesmente, é pedido aos estudantes que ‘traduzam’.”⁶ (p. 445) Percebe-se, assim, a importância do estudo da Tradução e do seu ensino.

Relativamente aos Estudos da Tradução, Salamah (2021) apresenta os quatro ramos principais da investigação de Tradução avançados por Saldanha e O’Brien (2013) – a investigação orientada para o produto final da tradução, a orientada para o processo de tradução, a orientada para os participantes na tradução e a orientada para o contexto da tradução – da seguinte forma:

³ Tda. Original: “[...] (1) keeps the message and effect of the source text, (2) clearly displays use of translation strategies and appropriate resourcing to solve transfer problems, and (3) keeps to the target community conventions and to the assignment.”

⁴ Tda. Original: “Translation Studies is the academic discipline concerned with translation.”

⁵ Tda. Original: “Translator training is concerned with teaching methods, methods of assessment, and curriculum design. These pedagogical elements combined are the foundations of the training and preparation of translators.”

⁶ Tda. Original: “Translation is a key mediation skill whose complexity is not usually dealt with even in (well-intentioned) plurilingual approaches to language learning, where the students are asked simply ‘to translate’.”

A investigação orientada para o produto final da tradução preocupa-se em examinar o produto final da tradução (i.e., os textos traduzidos), enquanto a investigação orientada para o processo de tradução analisa o processo de tradução em si. A investigação orientada para os participantes na tradução, por outro lado, aborda os participantes envolvidos no processo de tradução, incluindo os tradutores, os formadores de tradutores, e estudantes, entre outros grupos de intervenientes. Finalmente, a investigação orientada para o contexto da tradução preocupa-se com o contexto do produto da tradução.⁷ (p. 277)

De acordo com esta explicação de Salamah (2021), “[...] a investigação orientada para o processo de tradução analisa o processo de tradução em si.” (p. 277) Atendendo ainda a que este relatório tem como objetivo principal verificar quais os métodos de tradução mais utilizados pelos alunos, e que o mesmo não se prende nem com o contexto da tradução, nem com o produto final da mesma, podemos, deste modo, considerar que este relatório se insere na investigação orientada para o processo de tradução. Todavia, pode ainda ser arguido que ao analisar as competências de tradução e linguística dos alunos, se entra na esfera da investigação orientada para os participantes na tradução.

2.2 Competência de Tradução

Após estabelecer a base teórica sobre a tradução, vamos agora tentar perceber o que se entende por competência ou capacidade de tradução e como esta se pode relacionar com a competência linguística, para termos bases teóricas que permitam responder às questões da existência ou não de influência da competência linguística sobre os métodos de tradução escolhidos pelos alunos.

Sánchez (2007) menciona que os Estudos da Tradução não estabeleceram um conceito e modelo amplamente aceites do que constitui a competência de tradução. Este conceito tem tido diferentes nomes, dados por diferentes autores, como, por exemplo, competência de transferência ou capacidade de tradução. Todavia, afirma que competência de tradução é o termo preferido, uma vez que, o conceito de competência é já amplamente usado na área da Linguística Aplicada.

Sánchez (2007), de uma forma abrangente, define este termo, competência de tradução, como sendo constituído por conjuntos de variáveis, que interagem entre si e com o contexto em que a tradução

⁷ Tda. Original: “Product oriented research is concerned with examining the product of translation (i.e., translated texts), while process-oriented research looks into the translation process itself. Participant-oriented research, on the other hand, addresses the participants involved in the translation process, including translators, translation instructors, and students, among other groups of stakeholders. Finally, context-oriented research is concerned with the context of the translation product.”

ocorre. Antes de avançar para a definição destes conjuntos de variáveis ou subcompetências, parece-nos pertinente descortinar o que na China se escreve sobre este assunto.

Em “The Routledge Handbook of Chinese Translation”, editado por Shei, C. e Gao, Z., no capítulo intitulado “Knowledge, skills and resources in Chinese translation” (2017), Dong Dahui refere que, na China, o estudo da competência de tradução é maioritariamente baseado em perspetivas ocidentais, que se focam nos seus aspetos universais, e existe uma falta fundamental de revisão sistémica das suas “diferenças” com outras línguas e culturas. Adianta também que “[o]s académicos da Tradução chinesa têm tendido a colocar mais importância na competência cognitiva do tradutor, como a habilidade de sintetizar e internalizar o conhecimento e capacidades, e têm-na considerado como a componente mais importante da competência de tradução.”⁸ (p. 40)

Adicionalmente, aponta para uma subcompetência específica da Tradução chinesa, a competência estética, a qual é vista por dois ângulos, um que se preocupa com a omissão de elementos estéticos da LP (que, no âmbito do seu estudo, é o inglês) no texto final, e outro que se preocupa com o excesso desses mesmos elementos. Reforça que:

Os elementos em questão podem refletir a discrepância entre a apreciação estética do tradutor e a capacidade expressiva existente entre as duas línguas. Como resultado, qualquer esforço de tradução iria sofrer, já que está em causa a divergência entre valores Orientais e Ocidentais.⁹ (p. 40)

Por sua vez, Ma Huijuan, em “汉译英翻译能力研究 (*Hàn yì yīng fānyì nénglì yánjiū*)” ou “Estudo da Competência de Tradução de Chinês para Inglês”¹⁰ (2013), refere que, contrariamente ao que acontece no Ocidente, o conceito de competência de tradução tem apenas um nome em chinês – “翻译能力” (*Fānyì nénglì*), isto é, “翻译” (*Fānyì*) – tradução, e “能力” (*Nénglì*) – capacidade, competência, habilidade. Ma (2013), continua que, por outro lado, os modelos de competência de tradução chineses têm se baseado muito nos modelos ocidentais, pelo que, a competência de tradução é, de igual forma, dividida em vários componentes, sendo a competência comunicativa bilingue a mais focada. Ma (2013) reforça ainda que este foco está relacionado com os baixos níveis de proficiência

⁸ Tda. Original: “Chinese translation scholars have tended to attach more importance to the translator’s cognitive competence, such as one’s ability to synthesise and internalise knowledge and skills, and they considered it as the most important component of translation competence.”

⁹ Tda. Original: “The elements in question may reflect a discrepancy in the translator’s aesthetic appreciation and expressive ability between the two languages. As a result, any translation effort would surely suffer since the divergence of Eastern and Western values is at stake.”

¹⁰ Tda.

linguística na Língua Segunda (L2)¹¹ demonstrados pelos alunos que iniciam os cursos de Tradução na China, algo que não é habitual no Ocidente, onde os alunos que iniciam cursos de Tradução têm já um nível mais avançado de L2.

Sendo os modelos de competência de tradução chineses baseados nos ocidentais, veremos, então, como estes costumam ser organizados e divididos em subcompetências.

González-Davies (2020) refere que as três macro competências que podem ser esperadas de alunos de Tradução e de Línguas são: a competência linguística (*Linguistic competence*), que inclui o conhecimento oral e escrito de ambas as línguas; o conhecimento enciclopédico (*Encyclopaedic knowledge*), que inclui não só o conhecimento terminológico e conceptual sobre o tema, como o conhecimento cultural; e o conhecimento de transferência (*Transfer knowledge*), que implica saber utilizar estratégias específicas de tradução, como a domesticação, e que distingue um tradutor natural de um especialista. (p. 446)

No seu artigo “What is translation competence?” (2009), Kirsten Malmkjær, professora emérita de Estudos da Tradução na Universidade de Leicester (Reino Unido), afirma que:

É minha convicção que todos os componentes listados pelos académicos incluídos no interessante artigo de Pym (2003)¹², com exceção da noção de competência de transferência, poderão ser pré-requisitos para a tradução, ou estados desejáveis que possam melhorar a tradução, o que, contudo, não fazem um tradutor.¹³ (p. 125)

Entre os componentes aludidos no artigo de Pym (como citado em Malmkjær, 2009), encontram-se o conhecimento linguístico, a competência comunicativa, o conhecimento da área, entre outros.

Relativamente à competência de transferência, Malmkjær (2009) afirma que “[c]onforme eu percebo o significado, o significado é gerado de novo em cada encontro do discurso, de forma que, na realidade, não existe nada para transferir.”¹⁴ (p. 132) Logo, o conceito de competência de transferência

¹¹ Uma vez que a Língua Segunda (L2) pode ser qualquer língua aprendida após a primeira língua (a materna) e estamos aqui perante a referência a um par de línguas, em que uma delas é a materna, o termo L2 é aqui usado como sinónimo de “língua distinta da língua materna”.

¹² Malmkjær refere-se ao artigo “Redefining translation competence in an electronic age. In defence of a minimalist approach.” (2003) de Pym, A.

¹³ Tda. Original: “It is my belief that all of the components listed by the scholars included in Pym’s entertaining article (2003), with the exception of the notion of transfer competence, may be prerequisites to translation, or desirable states which may enhance translation, which, however, do not make a translator.”

¹⁴ Tda. Original: “As I understand meaning, meaning is generated anew in each speech encounter so that there is nothing in fact to transfer.”

deve ser chamado de competência de tradução, já que não se pode considerar transferência algo que está em constante renovação de significado.

Sánchez (2007) apresenta quatro competências constituintes da competência de tradução, são elas:

- ❖ a competência de transferência (*transfer competence*), que se prende com a capacidade de transferir a mensagem e conhecimento do TP para o TC, com eficácia interlinguística e intertextual;
- ❖ a competência estratégica (*strategic competence*), consiste na totalidade de procedimentos utilizados para resolver os problemas encontrados aquando da tradução;
- ❖ a competência cultural (*cultural competence*), engloba o conhecimento geral sobre assuntos culturais, históricos, económicos e políticos nas culturas da LP e LC;
- ❖ a competência de comunicação linguística (*communicative language competence*), inclui competências linguísticas, sociolinguísticas e textuais, tanto na LP quanto na LC.

Para Teodora Popescu, professora do Departamento de Filologia da Universidade “1 Decembrie 1918” de Alba Iulia (Roménia), em “Linguistic competence vs. Translation competence: A pedagogic approach” (2011), a competência de tradução partilha com a aprendizagem de uma segunda língua, as competências linguística, intercultural, sociolinguística e pragmática, como se pode observar na figura 7.

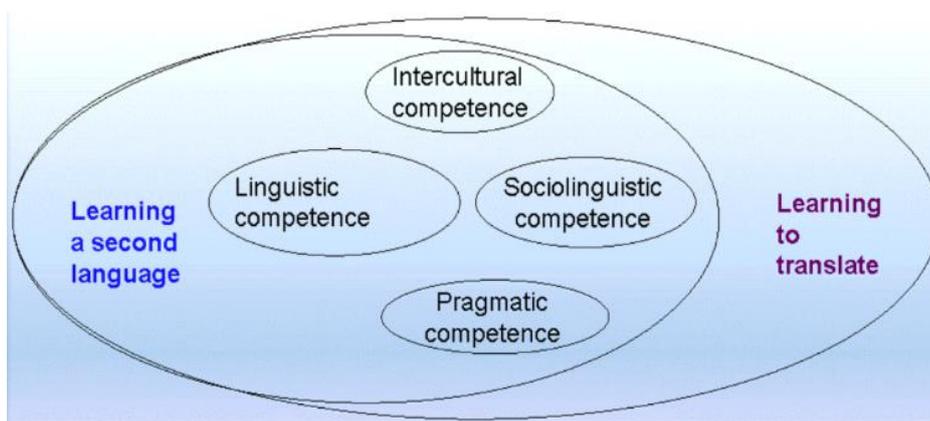


Figura 7 – “Aprendizagem de L2 vs. Aprendizagem de tradução” (“Second language learning vs learning to translate”) (Popescu, 2011, p. 1187)

As restantes competências, de acordo com Popescu (2011), são o conhecimento de conteúdo (*content-knowledge competence*), a competência em TIC - Tecnologias da informação e comunicação (*ICT – information and communication technology competence*), a competência de monitorização (da

qualidade da sua tradução) e a competência de pesquisa. Podemos observar melhor esta interseção de competências na figura 8:

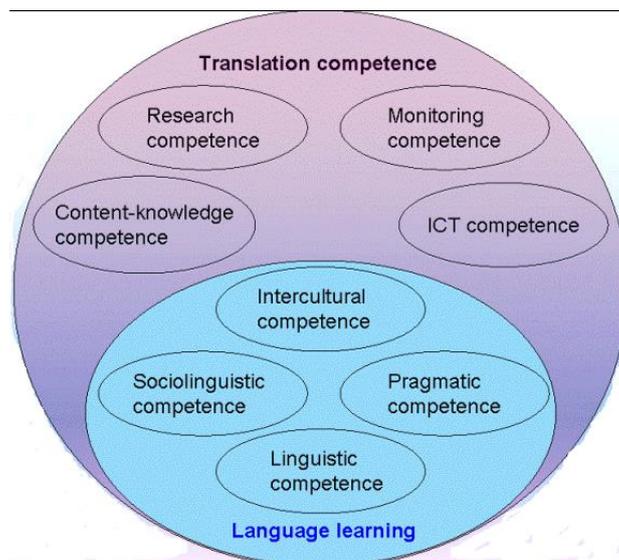


Figura 8 – “Objetivos de aprendizagem para a disciplina de tradução” (“Learning objectives for a translation course”) (Popescu, 2011, p. 1188)

Um dos modelos de competência de tradução mais citado é o apresentado pelo Grupo PACTE do Departamento de Tradução e Interpretação e de Estudos da Ásia Oriental da Universidade Autônoma de Barcelona, em “Triangulating translation: Perspectives in process oriented research”, no capítulo “Building a translation competence model” (2003). Este modelo (fig. 9 e 10) demonstra a competência de tradução como sendo a interligação de cinco subcompetências – bilingue, extralinguística, estratégica, instrumental e de conhecimento acerca de tradução – e a influência externa exercida pelos componentes psicofisiológicos.

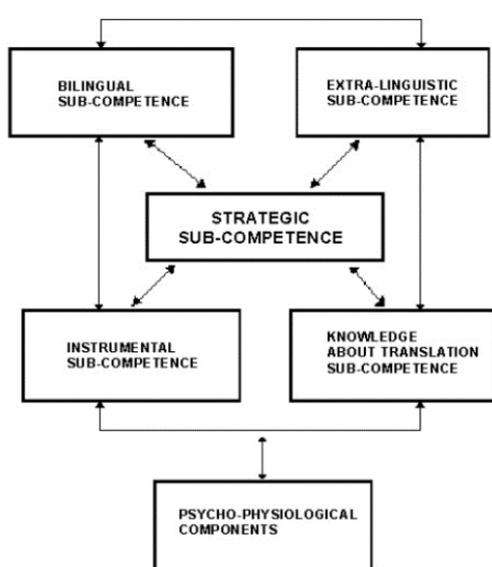


Figura 9 - Modelo de Competência de Tradução (PACTE, 2003, p. 18)

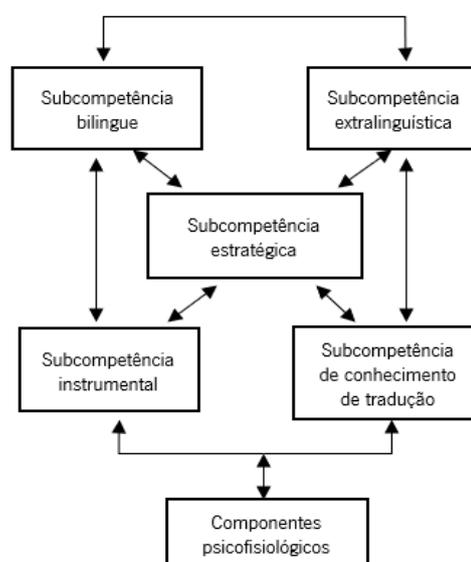


Figura 10 - Modelo de Competência de Tradução do Grupo PACTE (Tda.)

Salamah (2021), conforme se pode comprovar pela fig. 11, resume os conceitos que fazem parte de cada uma das subcompetências do modelo de competência de tradução do Grupo PACTE, avançadas nas figuras anteriores, da seguinte forma:

Subcompetência bilíngue – competência comunicativa em ambas as línguas, incluindo aspectos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais, gramaticais e lexicais; **Subcompetência extralinguística** – conhecimento cultural, conhecimento enciclopédico e conhecimento da área; **Subcompetência de conhecimento de tradução** – conhecimento das funções da tradução e da prática profissional de tradução; **Subcompetência instrumental** – usar recursos e tecnologias de informação e comunicação; **Subcompetência estratégica** – planejar e executar o processo de tradução, avaliar o produto da tradução, ativar as outras subcompetências, e identificar e resolver problemas de tradução; **Componentes psicofisiológicos** – componentes cognitivos (ex.: memória, atenção, etc.), componentes comportamentais (ex.: curiosidade intelectual, confiança nas próprias capacidades, etc.) e capacidades psicomotoras (ex.: raciocínio lógico, criatividade, etc.).¹⁵ (p. 281, negrito nosso)



Figura 11 - Subcompetências do Modelo Final de Competência de Tradução do Grupo PACTE (Salamah, 2021, p. 281)

¹⁵ Tda. Original encontra-se na Fig. 11.

Como se pode comprovar, a maioria das subcompetências expostas pelos diversos autores são as mesmas, mudando apenas o seu nome ou sendo agrupadas em chavetas de maior ou menor extensão. Alguns autores, como Sánchez e González-Davies, optam por listar menos subcompetências, tendo cada qual uma maior abrangência de conteúdo, enquanto outros, por exemplo, Popescu e o Grupo PACTE, são mais exaustivos nas suas listagens.

2.3 Competência linguística e comunicativa

Estabeleceu-se que, de acordo com Popescu, Sánchez e o Grupo PACTE, a competência linguística é uma subcompetência da competência de tradução. Se considerarmos que a competência linguística é a que tem uma maior influência na competência de tradução, podemos sugerir que um elevado nível de competência linguística deveria corresponder a um elevado nível de competência em tradução e vice-versa. Pelo que, no âmbito da nossa análise, poderíamos observar se as notas dos alunos à UC de chinês moderno VI seriam equivalentes às de Tradução, e inferir se a competência linguística tem ou não influência no método de tradução preferido pelos alunos. Passemos primeiro a uma análise mais pormenorizada da competência linguística e comunicativa.

No que se refere à aprendizagem de uma segunda língua e da competência inerente à mesma, Popescu (2011) discorre que:

[...] a aquisição da língua materna e a aquisição de uma segunda língua baseiam-se nos mesmos princípios, já que a competência é uma capacidade de transferência linguística inerente ao cérebro humano, funcionado de forma idêntica para a primeira e segunda línguas.¹⁶ (p. 1185)

Avança ainda que, paralelamente a esta competência, um falante nativo possui outra, segundo a qual intuitivamente sabe o que é socialmente aceitável ou não, e consegue moldar a sua linguagem de acordo com o tópico, situação e tipo de relação humana em causa, a isto é dado o nome de competência comunicativa.

Popescu (2011) refere que todas as competências influenciam a capacidade comunicativa do falante e podem, por isso, ser consideradas como subcompetências da competência comunicativa. No entanto, estas podem ser consideradas também como, mais ou menos, relacionadas com a competência

¹⁶ Tda. Original: “[...] mother tongue acquisition and second language acquisition rest on the same principles, as competence is transferable language ability inherent in the human brain, working alike for first and second language.”

linguística, e apoia-se na classificação dada pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR) para as explicitar:

❖ Competências Gerais

- Conhecimento declarativo (inclui conhecimento sociocultural e intercultural);
- Capacidades e *know-how* (o “saber-fazer”);
- Competência existencial (o “saber-estar”);
- Capacidade de aprendizagem (inclui não só a capacidade de estudo, mas também sensibilidade e capacidade fonética geral e de comunicação).

❖ Competências linguístico-comunicativas

- Competências linguísticas (inclui a lexical, gramatical, semântica, fonológica e ortográfica);
- Competência sociolinguística (inclui as convenções sociais, expressões de sabedoria popular e diferenças de registo);
- Competências pragmáticas (inclui a de discurso e a funcional). (pp. 1185-1186)

Popescu (2011) conclui referindo que:

Tentei decompor tanto a competência linguística quanto as competências sociolinguística, pragmática e intercultural, associadas a ela, assim como fornecer um inventário dos elementos que constituem a competência em tradução. É argumentado que a competência em tradução engloba a linguística, por isso, todos os formadores que queiram ensinar tradução, devem prestar atenção, em primeiro lugar, às competências base dos alunos.¹⁷ (p. 1188)

Assim, segundo Popescu, a competência linguístico-comunicativa é uma das bases da competência de tradução. Percebendo agora melhor em que consiste a competência linguístico-comunicativa, passemos à definição dos métodos de tradução.

2.4 Tradução literal vs. Tradução livre

A fim de responder à questão sobre a existência de alteração do método de tradução mais utilizado pelos alunos, torna-se necessário definir os métodos de tradução a analisar.

¹⁷ Tda. Original: “I have tried to decompose both linguistic competence and the associated sociolinguistic, pragmatic and intercultural competences, as well as give an inventory of elements that constitute the translation competence. It is argued that translation competence encompasses the linguistic one, therefore, all instructors who want to teach translation, need to pay heed first to students’ foundation competences.”

No seu artigo “Translation strategies of Domestication and Foreignization used in Network Catchwords” (2022), Yanling Zhuo¹⁸ afirma que a escolha da estratégia de tradução utilizada pelo tradutor está dependente de vários fatores, como a função da tradução, a sua intenção, as suas limitações e a sua aceitação por parte dos leitores.

Relativamente às capacidades de tradução chinesas, Dong (2017) refere que são compostas por três níveis: a estratégia de tradução (*translation strategy*), que consiste na forma de resolver os problemas de tradução, por exemplo, domesticação ou estrangeirização¹⁹; o método de tradução (*translation method*), corresponde ao processo usado para traduzir, por exemplo, tradução livre ou tradução literal²⁰; e a técnica de tradução (*translation technique*), refere-se à manipulação específica do texto durante o processo de tradução, por exemplo, omissão, adição, combinação²¹, etc. Adianta ainda que a tradução livre é usada na estratégia de domesticação, enquanto a tradução literal é um dos processos usados na estratégia de estrangeirização.

Zhuo (2022) acrescenta que a estrangeirização, apesar de ser mais fiel ao original e enriquecer a cultura da LC, quando em demasia dificulta a perceção por parte do leitor e pode fazê-lo perder o interesse no texto e cultura de partida. Já a domesticação, ao ignorar os aspetos da cultura de partida, ajuda o leitor a perceber e relacionar-se melhor com o texto. Conclui que, os tradutores podem optar por utilizar uma ou outra estratégia ou combinar ambas, e que estas não devem ser percebidas como dois lados opostos, assim, os tradutores devem adotar as estratégias mais apropriadas ao propósito da tradução.

No que à dicotomia tradução livre e literal diz respeito, Katharina Barbe, professora associada do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade Northern Illinois (E.U.A.), em “The Dichotomy Free and Literal Translation” (2002), expõe que, tradicionalmente, o método literal é usado nos domínios técnico-científicos, enquanto a tradução livre era preferida na poesia, literatura e textos que permitissem metáforas, ironia e afins. Acrescenta também que “[l]iteral e livre representam apenas termos descritivos bastante inexatos e questionáveis, e não constituem uma distinção real. Um

¹⁸ Possui afiliação à Escola de Línguas, Literacias e Tradução da Universidade de Sains Malaysia (Penang, Malásia).

¹⁹ Domesticação é a estratégia de tornar o TC o mais próximo possível da língua e cultura de chegada, removendo os elementos “estranhos” à LC, enquanto a estrangeirização é a estratégia de manter estes elementos “estranhos” no TC, para reter ou enfatizar os elementos culturais da LP, que permite ao leitor um maior contacto com culturas diferentes da sua e maior perceção das diferenças culturais existentes. (Zhuo, 2022, p. 60)

²⁰ A tradução livre é uma tradução que respeita apenas o significado da mensagem do TP, enquanto a literal respeita tanto a forma como o seu significado. Estes métodos serão explicitados mais à frente no trabalho.

²¹ Omissão, como o nome indica, refere-se à não inclusão no TC de algum elemento existente no TP, enquanto a adição se refere à inclusão no TC de elementos não existentes no TP, por exemplo, para tornar a frase mais fluente na LC. Já a combinação refere-se à agregação de várias frases numa só.

estudo intercultural da tradução que inclua línguas não-indo-europeias pode ajudar a quebrar esta dicotomia [...].”²² (p. 335)

Todavia, um dos autores mais citados sobre este tema é Peter Newark. Em “A Textbook of Translation” (1988), Newark refere-se a esta dicotomia como o problema central da tradução e apresenta os métodos de tradução num diagrama em “V” (p. 45), que pode ser visualizado abaixo, na fig. 12²³.



Figura 12 - Diagrama em “V” sobre os métodos de tradução (Newark, 1988)

Assim, seguindo as definições de Newark, com ênfase na LP temos (em ordem decrescente):

- ❖ Tradução palavra por palavra (*Word-for-word translation*), como o nome indica, as palavras são traduzidas na ordem da LP e pelo significado mais comum, sem contexto;
- ❖ Tradução literal (*Literal translation*), dá-se a conversão das construções gramaticais da LP para os equivalentes mais próximos na LC, em que o léxico é traduzido um a um, fora de contexto;
- ❖ Tradução fiel (*Faithful translation*), tenta reproduzir o significado do contexto original dentro dos limites das estruturas gramaticais da LC;
- ❖ Tradução semântica (*Semantic translation*), parecida à anterior, mas tem em atenção os aspetos estéticos, podendo comprometer o significado em detrimento do que é mais bonito ou soa mais natural na LC.

Já com ênfase na LC, em ordem decrescente, temos:

- ❖ Adaptação (*Adaptation*), é a forma mais “livre” de tradução, em que a cultura de partida é adaptada à cultura de chegada e o texto reescrito;
- ❖ Tradução livre (*Free translation*), é uma reprodução da matéria ou conteúdo sem a forma do original;

²² Tda. Original: “Literal and free represent only rather inaccurate and questionable descriptive terms, and do not constitute a real distinction. A cross-cultural study of translation including non-Indo-European languages may help us to break out of this dichotomy [...].”

²³ Newark (1988) refere mais métodos de tradução ao longo do livro, que não são aqui mencionados por não serem relevantes para a finalidade deste relatório.

- ❖ Tradução idiomática (*Idiomatic translation*), reproduz a mensagem original, mas perde algumas nuances ao colocar idiomas ou coloquialismos inexistentes no TP;
- ❖ Tradução comunicativa (*Communicative translation*), tenta transmitir o significado do contexto do TP de forma que tanto a linguagem como o conteúdo sejam aceitáveis e compreensíveis ao leitor.

Segundo Newark (1988), a Tradução literal é a base das traduções semântica e comunicativa, porém, quando existe um problema de tradução, o método literal está normalmente fora da equação, já que acima do nível das palavras (por exemplo, ao nível de figuras de estilo, orações ou mesmo frases completas) se torna cada vez mais difícil de utilizar.

Newark (1988) defende que nomes que consistem em marcas ou marcas registadas (“trademarks, brands and proprietaries”), são normalmente transferidos para a LC. (p. 215) Quanto à transferência refere que:

[...] inclui a transliteração, que corresponde à conversão de diferentes alfabetos [...], a palavra torna-se um empréstimo. Alguns peritos negam que seja um método de tradução, mas nenhum outro termo é apropriado se o tradutor decide usar a palavra da LP no seu texto [...]”²⁴ (p. 81)

Lu, W. e Fang, H.,²⁵ na sua crítica à obra de Newark (“Reconsidering Peter Newmark’s Theory on Literal Translation”, 2012), referem que “[a] visão de Peter Newark sobre a tradução literal está profundamente enraizada nos debates tradicionais sobre os dois métodos básicos de tradução, tradução literal vs. livre.”²⁶ (p. 742) Informam ainda que estes debates são tão antigos no Ocidente quanto na China. Se no Ocidente podemos encontrar distinções entre Tradução literal (“palavra por palavra”) e livre (“significado por significado”) no séc. I a.C., na obra de Cícero, já na China, este debate pode datar de tão cedo quanto a dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.) e o Período dos Três Reinos (222 d.C. – 280 d.C.), durante os quais os Sutras foram traduzidos do sânscrito para chinês, em larga escala.

Lu e Fang (2012) discordam de Newark em que a tradução “palavra por palavra” seja um tipo de tradução literal, já que, quando usada em absoluto, pode levar a uma tradução mecânica ou “morta”. Assim, distinguem ambas como:

²⁴ Tda. Original: “[...] includes transliteration, which relates to the conversion of different alphabets [...], The word then becomes a 'loan word'. Some authorities deny that this is a translation procedure, but no other term is appropriate if a translator decides to use an SL word for his text [...]”

²⁵ Afiliados à Escola de Estudos Interculturais da Universidade Normal de Jiangxi (Nanchang, China).

²⁶ Tda. Original: “Peter Newmark’s view on literal translation is deeply rooted in traditional debates on the two basic translation methods, literal vs. free translation.”

A tradução literal é a tradução que segue fielmente tanto a forma como o significado do TP, enquanto a tradução mecânica ou morta é a que segue fielmente apenas a forma do TP, em detrimento do seu significado. Os dois exemplos seguintes são típicos duma tradução mecânica ou morta:

- 1) Abril é um relutante começo da Primavera em Pequim.

在北京，四月是一个春天不情愿的开端。

- 2) (你们俩从小在一起长大，)可算是青梅竹马了。

(Vós dois tendes crescido juntos desde pequenos.) Certamente que têm *ameixas verdes e cavalos de bamboo*.

Os dois exemplos acima foram traduzidos palavra a palavra, o que leva a uma tradução mecânica ou morta e são claramente imprecisos. Uma versão claramente inexata não é de todo uma tradução literal, mas mecânica ou morta.²⁷ (p. 743)

Sobre a diferença entre tradução literal e livre referem que a literal segue fielmente tanto a forma como o significado do TP, enquanto a livre apenas segue o significado. Esclarecem ainda que o tradutor pode optar por uma, por impossibilidade de usar a outra, ou ambas, sendo a sua escolha determinada por imposição de outros fatores. No entanto, tem sempre de assegurar que a tradução segue o significado original, pelo que mesmo a tradução livre tem liberdade limitada. Isto porque, uma tradução demasiado livre nada mais é do que uma tradução aleatória.

Sobre as limitações da tradução literal, Lu e Fang (2012) comentam que, nos casos em que as duas culturas são muito distantes, a tradução literal pode causar confusão e mal-entendidos, como nos exemplos:

²⁷ Tda. Original: "A literal translation is a translation that follows closely both the form and intended meaning of SL, while a mechanical or dead translation is a translation that follows closely only the form of SL to the detriment of its intended meaning. The following two examples are typical of mechanical or dead translation:

1) April is a reluctant beginning of spring in Beijing.

在北京，四月是一个春天不情愿的开端。

2) (你们俩从小在一起长大，)可算是青梅竹马了。

(You two have been growing up together since you were little things.) You certainly have *green plums and bamboo horses*.

The above two examples are translated absolutely word for word, which leads to mechanical or dead translation and is plainly inexact. A plainly inexact version is not literal translation at all, but mechanical or dead translation."

3) Ele trabalha como um cão.

Tradução literal: 他象狗一样工作。

Tradução livre: 他拼命工作。

4) 他是帝国主义的走狗。

Tradução literal: Ele era um cão de corrida do imperialismo.

Tradução livre: Ele era um lacaios do imperialismo.

Como as conotações de “cão” e “狗” são muito diferentes em ambas as culturas, a tradução literal dos exemplos acima, apenas causa o efeito oposto entre os leitores da LC. Neste caso, o tradutor tem de escolher a tradução livre, convertendo os elementos figurativos da LP nos seus correspondentes da LC, negligenciando, assim, a verdade cultural da LP.²⁸ (p. 744)

Concluem que, apesar de útil à prática e ensino de Tradução, alguma da argumentação de Newark pelo uso da tradução literal não é aplicável à tradução entre inglês e chinês. Referem ainda quatro situações em que consideram que o tradutor não deve usar tradução literal, são elas:

1) Quando as culturas são distantes (pode causar confusão e mal-entendidos);

2) Os hábitos expressivos das línguas são demasiado diferentes (a tradução literal torna-se impossível de usar);

3) Quando o tradutor achar que a tradução literal não irá agradar aos leitores;

4) Quando a tradução livre for mais inteligível e esteticamente apelativa.

De igual modo, estas quatro situações podem ser aplicadas ao contexto da tradução entre chinês e português, já que a distância cultural é grande. Todavia, julga-se que a escolha da estratégia de tradução deve ficar ao critério de cada tradutor, na medida em que este deve escolher a que melhor se

²⁸ Tda. Original: “3) He works like a dog.

Literal translation: 他象狗一样工作。

Free translation: 他拼命工作。

4) 他是帝国主义的走狗。

Literal translation: He was a running dog of imperialism.

Free translation: He was a lackey of imperialism.

As the connotations of “dog” and “狗” are quite different in the two cultures, literal translation of the above examples only causes opposite effect among TL readers. In this case, the translator has to choose free translation, converting the figurative elements of SL into the corresponding package in TL, thus neglecting the cultural truth of SL.”

adequa ao contexto da tradução e ao leitor do TC, por exemplo, no caso das traduções feitas em aulas de Tradução, como os alunos têm algum conhecimento da língua e cultura de partida (neste caso, o chinês), é expectável que haja uma preferência pela estrangeirização, para que mais elementos da cultura de partida se reflitam no TC.

Relativamente à dicotomia tradução literal vs. livre, a análise efetuada no capítulo III, irá ter por base a teoria de Newark. Isto porque, se considera que estes dois métodos têm significados relativamente amplos para abranger os restantes. No entanto, subscrevem-se as críticas de Lu e Fang, nomeadamente, que uma tradução demasiado livre, ao se desviar do significado original, se torna uma tradução aleatória, e, de igual forma, uma tradução demasiado literal, nada mais é do que uma tradução mecânica. Se revisitarmos o exemplo 2, a tradução do idioma “青梅竹马 [Qīngméizhú mǎ]” para “ameixas verdes e cavalos de bamboo”, verificamos que, apesar de ser literal, não transmite o significado real deste idioma. Apenas quem conhece a cultura chinesa conseguirá perceber o seu significado, que reflete o carinho inocente entre as crianças durante a infância, usado habitualmente para descrever casais que cresceram juntos ou “namorados de infância”.

Sucintamente, constatamos que a tradução literal segue fielmente tanto a forma como o significado do TP e que é uma forma de estrangeirização. Ao passo que a tradução livre apenas segue o significado do TP e é uma forma de domesticação. Se tomarmos em conta que ambas devem respeitar os limites de funcionalidade da tradução, ou seja, que a tradução não se torna mecânica, no caso da literal, nem demasiado livre que deturpe o significado original, temos definidos os termos para as variáveis que serão analisadas no capítulo III, tradução mecânica, tradução literal, tradução mista (sendo esta uma mistura entre a tradução livre e a literal), tradução livre e tradução demasiado livre.

Capítulo III – Análise de traduções realizadas na UC “Técnica e Prática da Tradução do Chinês”

No decorrer do acompanhamento das traduções realizadas pelos alunos nesta UC, julgou-se relevante analisar quais os métodos mais utilizados pelos mesmos e se a sua competência linguística teria alguma influência nesta escolha. Neste sentido, ao longo deste capítulo, iremos explicar a forma como os dados recolhidos foram tratados, a forma em como foram analisados e os resultados obtidos.

3.1 Metodologia utilizada

O primeiro passo foi decidir quais as questões a que se queria obter resposta, assim, chegou-se às seguintes:

- ❖ O nível de chinês inicial tem correlação com o método de tradução que os alunos mais utilizam?
- ❖ Existe uma mudança no método de tradução mais utilizado pelos alunos ao longo do semestre?
- ❖ Existe correlação entre o método de tradução mais utilizado na atividade final e o nível de competência linguística atingida pelo aluno no final do semestre?
- ❖ Existem diferenças significativas comparando com os dois anos letivos anteriores?

Com o intuito de responder a estas questões, foi necessário contextualizar e definir os termos aqui utilizados, por exemplo, o que se entende por competência linguística, como iremos então medir esta competência, etc.

Neste sentido, à luz das teorias estudadas no capítulo II, chegou-se às seguintes conclusões:

- ❖ Competência em tradução engloba a competência linguística.
- ❖ Relativamente às restantes subcompetências da competência em tradução, podemos arguir que:
 - As atividades analisadas, no geral, não precisam de conhecimento específico e, o necessário, é facilmente encontrado na internet, recurso a que os alunos tiveram acesso para desenvolver as atividades. Pelo que a competência de conhecimento de conteúdo (“content-knowledge competence”), como termos de Economia, Medicina, Direito, etc., não se aplica.
 - Competência TIC (“ICT competence”) também não é alvo de análise, já que todos os alunos conseguem utilizar as ferramentas básicas necessárias à execução das atividades.

- Competência de monitorização (“monitoring competence”) é a consciência da qualidade das traduções efetuadas. No entanto, isto só é medido aquando das revisões efetuadas, o que não se aplica neste trabalho.
 - Competência de pesquisa (“research competence”), considerou-se que todos os alunos possuem o mínimo desta competência para efetuar as atividades com sucesso.
 - Competência estratégica, pode ser arguido que todos os alunos que completam a atividade de tradução, possuem esta competência, pelo menos, a um nível padrão. Pelo que, diferenças registadas nos resultados da análise não serão muito influenciadas pela mesma.
 - Competência cultural: já que todos os alunos da disciplina frequentaram, pelo menos, dois anos da Licenciatura, que no seu currículo fornece várias unidades curriculares onde esta competência vai sendo desenvolvida, julga-se que o grupo de alunos desta UC possui um mínimo de conhecimento básico cultural, suficiente para desenvolver as atividades. Reconhece-se também que os níveis de sensibilidade cultural poderão diferir de aluno para aluno. Porém, as atividades analisadas apenas requerem um nível básico de compreensão das diferenças culturais, pelo que se considera que esta competência não terá um impacto significativo na tradução.
 - Competência de comunicação linguística, considera-se que está estritamente relacionada com os objetivos de aprendizagem de CLE (Chinês Língua Estrangeira), pelo que pode ser analisada através do nível obtido pelos alunos nas UC de Chinês Moderno V e VI.
- ❖ Assim, restam as competências que são desenvolvidas em paralelo com a aprendizagem de uma segunda língua, neste caso, o chinês. Pelo que, é intelectualmente aceitável fazer uma comparação das notas obtidas nas disciplinas de Chinês Moderno e as notas obtidas em Tradução, e o nível de competência em tradução que possuem. Assim, é expectável que exista um paralelo entre o nível de competência linguística e o nível de competência de tradução de cada aluno ou grupo de alunos, o que, mesmo assim, não invalida o facto de que a nota obtida pode não revelar as verdadeiras competências do aluno, pelos mais diversos motivos.
 - ❖ Tradução literal é aquela que segue fielmente tanto a forma como o significado do TP e uma forma de estrangeirização.
 - ❖ Tradução livre é a que segue apenas o significado do TP e uma forma de domesticação.

Para uma melhor percepção dos métodos de análise do nível de competência de tradução e linguística dos alunos, foquemo-nos primeiro nos objetivos de cada UC:

- ❖ Chinês Moderno V: Esta UC, inserida no primeiro semestre do terceiro ano da Licenciatura, é uma continuação da aprendizagem linguística de chinês, pelo que, tem por base os conhecimentos já adquiridos ao longo do primeiro e segundo anos da Licenciatura. O seu objetivo principal é o desenvolvimento das capacidades linguísticas ao nível do B1+ do CEFR, que equivale ao exame oficial de chinês HSK IV-. (Universidade do Minho, 2023)
- ❖ Chinês Moderno VI: É a continuação da UC anterior, inserida no segundo semestre do terceiro ano da Licenciatura. O seu principal objetivo é dar continuidade ao desenvolvimento das capacidades linguísticas em chinês, ao nível do B2 do CEFR, que equivale ao nível IV do HSK. (Universidade do Minho, 2023)
- ❖ Técnica e Prática da Tradução do Chinês: É lecionada também no segundo semestre do terceiro ano, a par com a UC de Chinês Moderno VI, pelo que é expectável que os alunos inscritos nesta UC tenham tido aprovação à UC de Chinês V, mas não era obrigatório que tal acontecesse até ao ano letivo em análise. (Universidade do Minho, 2023)

Como podemos observar acima, o foco das UC de Chinês Moderno V e VI é efetivamente o desenvolvimento das capacidades linguísticas dos alunos, pelo que, à falta de melhor método de medida do nível de competência linguística dos alunos serão utilizadas as notas obtidas pelos mesmos nestas UC. Quanto à competência de tradução, presumindo que o seu desenvolvimento é o foco principal da UC de Técnica e Prática da Tradução do Chinês, serão, de igual forma, utilizadas as notas obtidas pelos alunos nesta UC para estabelecer um nível de competência de tradução.

Apesar da comparação do nível de competência linguística com o de tradução não ser o foco principal do trabalho, pretende-se que seja um dado que permita avaliar a influência da competência linguística sobre o método de tradução escolhido pelo aluno. Por exemplo, se existirem vários alunos com o mesmo nível de competência de tradução, mas níveis de competência linguística diferentes, não será esta a competência que maior influência terá na tradução e, conseqüentemente, na escolha do método.

Relativamente à questão de examinar quais alunos participaram na UC de Tradução sem terem tido aprovação a Chinês V, apesar de ser interessante perceber as potenciais diferenças, devido ao número restrito de alunos nestas condições, optou-se por não o fazer. Por um lado, os dados obtidos seriam de pouca expressão, pelo seu reduzido número, e, por outro lado, tornaria a identificação dos

alunos mais fácil, o que porventura poderia pôr em causa o anonimato dos dados. Neste sentido, seria interessante implementar um projeto-piloto de estudo e acompanhamento de algumas turmas, ao longo da Licenciatura, de forma a obter melhores dados.

O passo seguinte foi definir como classificar os métodos de tradução. Com base nas teorias abordadas no capítulo anterior, optou-se pela seguinte classificação (serão referidos alguns exemplos no subcapítulo seguinte):

- 0 – Não resposta ou omissão no TC;
- 1 – Tradução mecânica ou “morta”;
- 2 – Tradução literal;
- 3 – Tradução mista (quando há junção de tradução literal com livre ou quando há tradução literal com explicação do termo, por exemplo, com nota de rodapé);
- 4 – Tradução livre;
- 5 – Tradução demasiado livre (quando o significado no TC não é coerente com o do TP).

Procedeu-se ainda à definição das questões a que se pretendia obter resposta, através deste trabalho, que se transcreve abaixo:

- ❖ O nível de chinês inicial tem correlação com o método de tradução que os alunos mais utilizam?
 - Para tal, pretende-se comparar os dados de grupo das notas de chinês V com o método de tradução mais usado na atividade 4.
- ❖ Existe uma mudança no método de tradução mais utilizado pelos alunos ao longo do semestre?
 - Para isto, pretende-se comparar a evolução do método de tradução usada nas três atividades, no geral e por grupo de notas obtidas.
- ❖ Existe correlação entre o método de tradução mais utilizado na atividade final e o nível de competência linguística atingida pelo aluno no final do semestre?
 - Para este propósito, pretende-se comparar dados de grupo de notas de chinês VI com as de tradução e o método de tradução usado na atividade final.
- ❖ Existem diferenças significativas comparando com os dois anos letivos anteriores?
 - Para este fim, pretende-se fazer a comparação dos dados entre os anos.

Finda a explicitação da metodologia seguida ao longo do trabalho, vejamos, no próximo subcapítulo, a forma como foram recolhidos e tratados os dados alvo de análise, acompanhados por alguns exemplos ilustrativos.

3.2 Recolha e tratamento dos dados

A recolha dos dados foi realizada ao longo do segundo semestre do ano letivo 2022/2023, tanto das atividades que foram sendo realizadas pelos alunos inscritos na UC de Tradução deste mesmo ano, quanto das atividades dos dois anos letivos anteriores, através da facilitação do acesso ao arquivo eletrónico destes dados.

Primeiramente, foi criada uma base de dados em *Excel*, com o nome de cada aluno, para se poder iniciar a distribuição aleatória de números de identificação (ID) para assegurar o anonimato dos dados. Nesta fase foi feita a recolha das notas de cada aluno, já que as pautas contêm o nome completo dos mesmos e era necessário tornar estes dados anónimos. O passo seguinte foi renomear todos os ficheiros de resposta às atividades com esses ID e eliminar qualquer outra fonte de dados de identificação pessoal, não só para assegurar o anonimato, como também para minimizar o risco de avaliação subjetiva das respostas. Findo isto, foi criada uma outra base de dados, onde se colocou apenas os ID e notas correspondentes, e, posteriormente, se procedeu à identificação das expressões a analisar e respetivas respostas para cada ID.

Segundo Lu e Fang (2012), a tradução literal não deve ser utilizada nem quando as culturas são distantes (pode causar confusão e mal-entendidos), nem quando os hábitos expressivos das línguas são demasiado diferentes (a tradução literal torna-se impossível de usar). No entanto, existem situações, como, por exemplo, em textos que explicam a origem de uma expressão, onde o tradutor deve optar pela estrangeirização do texto, sob pena de se perder o seu propósito.

Esta escolha é mais facilmente perceptível quando se analisa expressões de maior complexidade para a tradução, seja por serem expressões idiomáticas, com características culturais chinesas ou de difícil tradução direta para português. Estas expressões, por serem características de uma cultura bastante distante da portuguesa, dão-nos uma amplitude maior de escolha de métodos de tradução, já que as suas características colocam alguns desafios aos tradutores quanto à escolha de como transmitir a informação e se deve manter o aspeto cultural associado.

Foram selecionadas algumas expressões, em cada atividade, que se consideraram ir de encontro a este objetivo:

❖ **Atividade número 4** – Texto “马马虎虎 [mǎmahǔhu]”²⁹

- 马虎 [Mǎhǔ] – palavra composta pelos caracteres de cavalo e tigre, com significado de descuidado;
- 马马虎虎 – palavra composta pela repetição dos caracteres de cavalo e tigre, com significado de assim-assim ou razoável;
- 随心所欲 [Suí xīn suǒ yù] – literalmente “seguir os desejos do coração”, ou seja, fazer o que quiser/ da forma que desejar;
- 被老虎活活咬死了 [Bèi lǎohǔ huóhuó yǎo sǐle] – frase passiva, com significado literal de “pelo tigre enquanto vivo ser mordido até à morte”;
- 悲痛万分 [Bēitòng wànfēn] – literalmente “sofrimento/ luto extremamente (grande)”;
- 办事粗心大意 [Bànshì cūxīn dàyì] – “fazer algo/ lidar com” junto com o idioma de significado “negligente” (literal: “tosco coração grandes ideias/ intenções”);
- 来人 [Lái rén] – literalmente, “vir” e “pessoa”, ou seja, uma pessoa “que veio”, pessoa que “passou (na rua)”, um transeunte;
- 厅堂 [Tīngtáng] – uma divisória da casa chinesa antiga, equivalente a um salão de visitas.

❖ **Atividade número 7** – Texto “狗不理 [gǒu bù lǐ]”

- 天津狗不理包子 [Tiānjīn gǒu bù lǐ bāozi] – literalmente, *baozǐ* “Goubuli” de Tianjin (nome duma cidade chinesa);
- 狗子 [Gǒuzǐ] – alcunha dada no texto à personagem principal, “Gouzi” (literalmente, “cão”);
- 狗不理 [Gǒu bù lǐ] – literalmente “Goubuli” (nome duma marca famosa de *baozǐ*);
- 包子 [Bāozi] – nome duma iguaria típica chinesa, “baozi” é um tipo de pão cozido a vapor e recheado de carne ou vegetais;
- 德聚号 [Dé jù hào] – nome de um restaurante, “Dejuhao”;

²⁹ Os textos integrais, em chinês, das atividades 4, 7 e final podem ser encontrados no Anexo II.

- 十里百里的人 [Shí lǐ bǎi lǐ de rén] – literalmente “10 li 100 li de pessoas” (1 li equivale a 0,5 km);
- 狗子卖包子，不理人 [Gǒu zi mài bāozi, bù lǐ rén] – literalmente, “Gouzi” vende *baozi*, ignora/ não presta atenção às pessoas;
- 心灵手巧又勤学好问 [Xīn líng shǒu qiǎo yòu qín xué hào wèn] – idioma que significa, literalmente, “esperto e habilidoso” junto com “também” e com outro idioma “diligente estudo e ávido por consultar outros/ pedir conselhos”;
- 练就一手好活 [Liàn jiù yī shǒu hào huó] – literalmente “dominar técnica bem viver”.

❖ **Atividade Final** – Texto “吃在中国 [chī zài zhōngguó]”

- 吃在中国 – literalmente “comer na China”;
- 各有千秋 [Gè yǒu qiān qiū] – idioma “todos tem 1000 (um grande número) outonos”, o que significa “cada um tem os seus pontos fortes”;
- 北京的仿膳 [Běijīng de fǎng shàn] – literalmente, o “Fangshan” de Beijing (Pequim), que se refere a um restaurante famoso de Pequim, em que a ementa consiste em pratos que replicam a cozinha imperial Qing;
- 万寿无疆瓷器 [Wànshòuwújiāng cíqì] – consiste no idioma “10 000 anos sem limites”, ou seja, desejar longevidade a alguém, junto com a palavra “porcelana”, pode ser traduzido como “porcelana da longevidade” e é um tipo de porcelana chinesa que tem este idioma gravado;
- 地大物博 [Dì dà wù bó] – literalmente “terra ampla e criaturas abundantes”, ou seja, “vasto território e recursos abundantes”;
- 广东菜（即粤菜） [Guǎngdōng cài (jí yuècài)] – literalmente, cozinha/ pratos de Guangdong ou Cantão (“é a” cozinha “Yue”);
- 四川菜（川菜） [Sìchuān cài (chuān cài)] – literalmente, cozinha/ pratos de Sichuan (cozinha “Chuan”);
- 江苏菜（苏菜） [Jiāngsū cài (sū cài)] – literalmente, cozinha/ pratos de Jiangsu (cozinha “Su”);
- 包子 – “baozi”;
- 面条 [Miàntiáo] – “miantiao” é um tipo de massa chinesa, também conhecida por “noodles”.

Vejamos agora alguns exemplos de como foram classificadas as traduções dos alunos, ilustradas na tradução 1, 2 e 3, segundo as variáveis pré-determinadas (0 – Omissão/ não resposta; 1 – Tradução mecânica/ “morta”; 2 – Tradução literal; 3 – Tradução mista; 4 – Tradução livre; 5 – Tradução demasiado livre):

❖ Exemplo 1: “江苏菜（苏菜）” [*Jiāngsū cài (sū cài)*]

- Tradução 1: “[As cozinhas mais famosas do país (...) são as de (...)] Jiangsu (苏菜, *sū cài*)” – Tradução literal (2), já que todas as palavras foram traduzidas, exceto o caráter “菜” (*cài*), que como a sua tradução (“cozinha”) foi dada anteriormente na frase do aluno, pode ser aqui omitida.
- Tradução 2: “Jiangsu” – Tradução livre (4), uma vez que só parte da informação foi transmitida no TC, optou-se por considerar como tradução livre, já que respeita apenas parte do significado, pois falta informação sobre a “cozinha Su”.

❖ Exemplo 2: “狗不理” [*Gǒu bù lǐ*]

- Tradução 1: “Goubuli” – Tradução literal (2), optou-se por considerar a transliteração do nome da marca de *baozi* como tradução literal. Sabendo que a transliteração não é tradução, já que apenas codifica a leitura da LP para o alfabeto da LC, pelo que se pode arguir que não deveria ser usada na análise. Porém, é comumente usada em traduções, principalmente de nomes³⁰. Neste sentido, considerou-se importante manter estes resultados na análise, pelo que, para todos os efeitos, neste relatório, a transliteração foi considerada tradução literal.
- Tradução 2: “‘Goubuli’, em português ‘cão que ignora’” – Tradução mista (3), já que incorpora tanto a tradução literal quanto a livre.

❖ Exemplo 3: “随心所欲” [*Suí xīn suǒ yù*]

- Tradução 1: “seguindo o que o seu coração queria” – Tradução literal (2), já que se mantém bastante fiel ao original em forma e significado.
- Tradução 2: “como bem entendia” – tradução livre (4), pois mantém o significado original, alterando a sua forma.
- Tradução 3: “eram aleatórias” – Tradução demasiado livre (5), considerou-se que o significado original ficou ligeiramente deturpado.

³⁰ Posição defendida por Newark (1988, p. 81 e 215), como referido no subcapítulo “2.4 Tradução literal vs. Tradução livre” deste trabalho.

❖ Exemplo 4: “*马虎*” [*Mǎhǔ*]

- Tradução 1: “a palavra ‘descuido’” – Tradução livre (4), já que traduziu para substantivo, quando no original a palavra é adjetivo ou verbo, pelo que houve alteração da forma.
- Tradução 2: “a palavra ‘cavaligre’” – Tradução demasiado livre (5), já que não é explicado, nem a origem, nem o significado desta nova palavra, apesar de ser a junção da tradução literal de cada carater (cavalo e tigre), o tradutor tomou a “liberdade” de criar uma nova palavra.

❖ Exemplo 5: “*狗子卖包子，不理人*” [*Gǒu zi mài bāozi, bù lǐ rén*]

- Tradução 1: “o cão que vende Baozi que ignora as pessoas” – Tradução mecânica (1) – já que a não inclusão da vírgula, tornou a segunda oração numa qualidade do “baozi”.
- Tradução 2: “Gouzi que vende baozi e ignora as pessoas” – Tradução literal (2), a alteração da vírgula para “e” não modifica o significado e é natural utilizar na LC para agregar duas orações. O restante da frase está bastante fiel ao original.

Relativamente aos dados que obtiveram pontuação zero (0), optou-se pela sua não consideração no cálculo de médias dos métodos de tradução, já que a falta de submissão da atividade 7 por parte de alguns alunos, assim como a omissão duma expressão em particular pela maioria dos alunos (“*练就一手好活* [*Liàn jiù yīshǒu hào huó*]”), originou uma maior percentagem de zeros nesta atividade e a sua consideração na análise iriar diluir a média por um maior número de zeros e deturpar os resultados obtidos. Para evitar isto, foram usadas, em todo o trabalho, fórmulas de cálculo que excluem os zeros dos resultados, por exemplo, para o cálculo da média total da Atividade 4, usou-se a fórmula “*MÉDIA.SE(E2:E585;>0)*”, que exclui todos os resultados iguais a zero.

3.3 Análise dos resultados

Procederemos à análise dos resultados por atividade e por ano analisado, e, por último, tentaremos dar resposta às questões anteriormente definidas. Adicionalmente, os resultados obtidos por ID podem ser consultados no Anexo I. Relembro o significado dos valores:

- 0 – Não resposta ou omissão no TC;
- 1 – Tradução mecânica ou “morta”;
- 2 – Tradução literal;
- 3 – Tradução mista (quando há junção de tradução literal com livre ou quando há tradução

literal com explicação do termo, por exemplo, com nota de rodapé);

4 – Tradução livre;

5 – Tradução demasiado livre (quando o significado no TC não é coerente com o do TP).

	Atividade 4	Atividade 7	Atividade Final
Média	3,04	2,97	3,26
Moda	2	2	4

Tabela 2 - Média e Moda totais

Como se comprova na tabela 1, em média³¹, todas as atividades se aproximam de valores de tradução mista, ou seja, todas têm aspetos de tradução livre e de tradução literal. Pela análise da moda³², comprovamos que as Atividades 4 e 7, têm maior preponderância de tradução literal, enquanto na Atividade Final a moda é de tradução livre.

Poderemos verificar, facilmente nos gráficos das páginas seguintes, que não há atividades que tenham apenas um tipo de tradução.

Atividade 4	Média	Moda
Ano 1	3	2
Ano 2	3,11	2
Ano 3	3,01	2
Total	3,04	2

Tabela 3 - Média e Moda da Atividade 4

Relativamente à atividade 4 (tabela 3), em todos os anos se nota que existe um uso alargado dos métodos de tradução, já que apesar da tradução mais utilizada ser a literal, a média situa-se na tradução mista. Vejamos, nos gráficos seguintes (fig. 13 a 16), como esta distribuição ocorre.³³

³¹ A média representa o valor médio de todas as respostas dadas pelos alunos, ou seja, a soma do valor de todas as respostas, dividido pelo número total de respostas, excluindo os valores de zero ao utilizar a fórmula "MÉDIA.SE".

³² A moda representa o valor mais frequente dentro do total das respostas dos alunos, neste caso, demonstra o método de tradução mais utilizado pelos alunos nas suas respostas.

³³ Legenda dos gráficos: 0 – Omissão/ não resposta; 1 – Tradução mecânica/ "morta"; 2 – Tradução literal; 3 – Tradução mista; 4 – Tradução livre; 5 – Tradução demasiado livre.

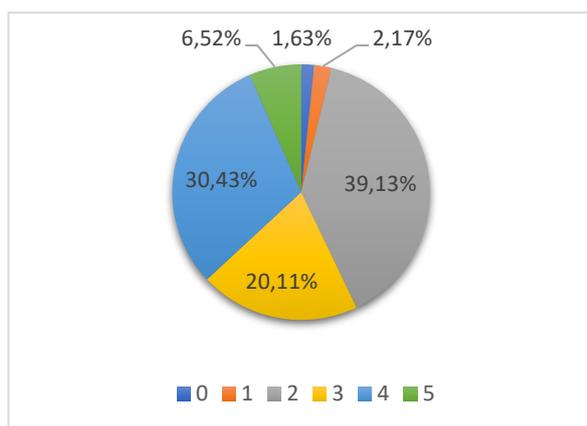


Figura 13 - Métodos de tradução usados na Atividade 4, no ano 1

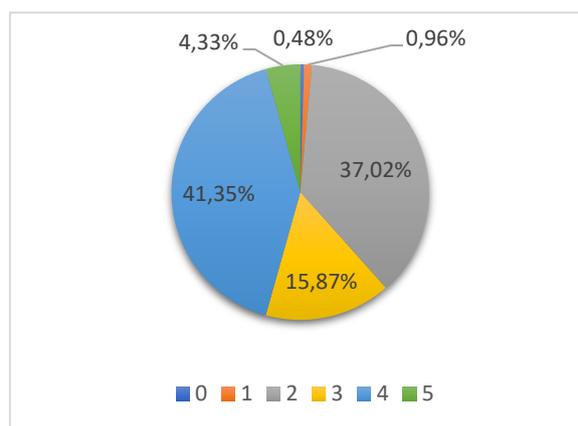


Figura 14 - Métodos de tradução usados na Atividade 4, no ano 2

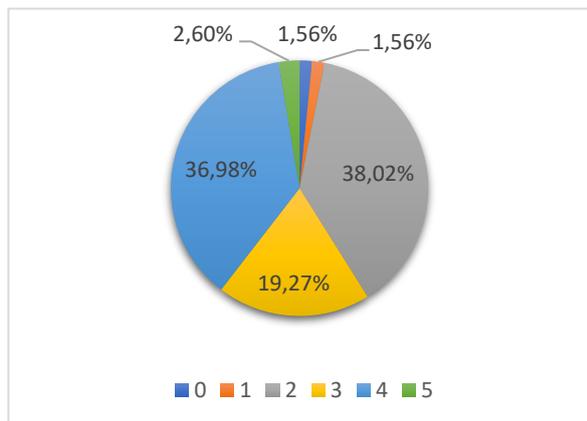


Figura 15 - Métodos de tradução usados na Atividade 4, no ano 3

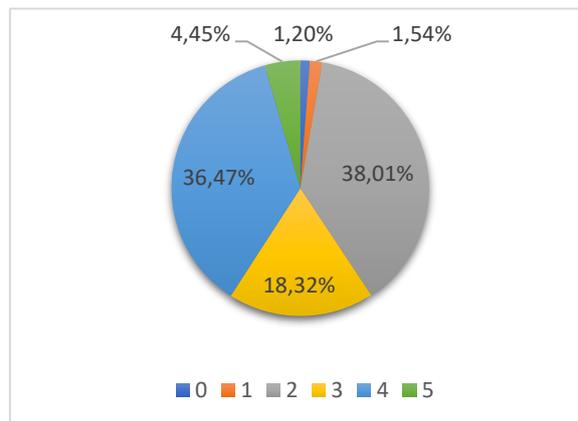


Figura 16 - Métodos de tradução usados na Atividade 4, total

Como se pode comprovar pelo gráfico 16, o tipo de tradução mais utilizado, em todos os anos, na atividade 4, é a tradução literal, seguido pela tradução livre. Ademais, comparando os gráficos 13 a 15, observa-se que a tradução literal mantém uma distribuição parecida ao longo dos anos, enquanto a tradução livre tem uma percentagem maior nos anos 2 e 3. Outro dado interessante, é que a tradução mista tem uma distribuição muito próxima nos anos 1 e 3, mas tem menor percentagem no ano 2, esta diferença pode ser explicada por uma maior percentagem de tradução demasiado livre. Se, em todos os anos, somarmos as percentagens da tradução mecânica com a literal e da tradução demasiado livre com a livre, constatamos que a utilização destes métodos está relativamente equilibrada, obtendo até os mesmos valores no ano 3. No ano 1, apesar disto, verifica-se uma ligeira tendência para a tradução literal, ao contrário do ano 2, em que a tendência é para a tradução livre.

Atividade 7	Média	Moda
Ano 1	2,93	2
Ano 2	2,91	2
Ano 3	3,08	2
Total	2,97	2

Tabela 4 - Média e moda da Atividade 7

Relativamente à atividade 7, analisando os dados da tabela 4, apesar de se notar uma diminuição da média total, comparando com a atividade 4, por influência da diminuição da média nos anos 1 e 2, verificamos que o ano 3 tem um aumento da média, marcando ainda mais a escolha por tradução mista.

Vejamos mais atentamente os gráficos 17 a 20, que representam os valores de todos os métodos analisados na atividade 7.³⁴

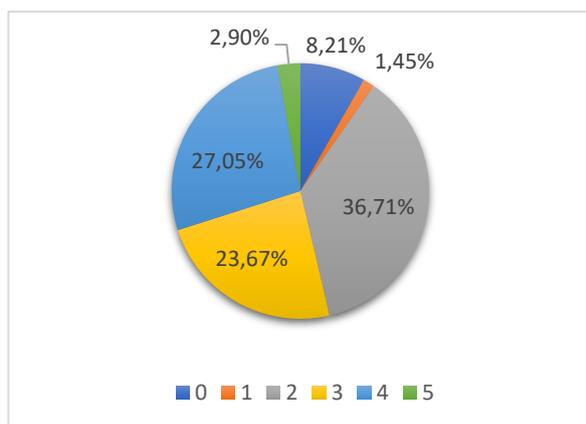


Figura 17 - Métodos de tradução usados na Atividade 7, no ano 1

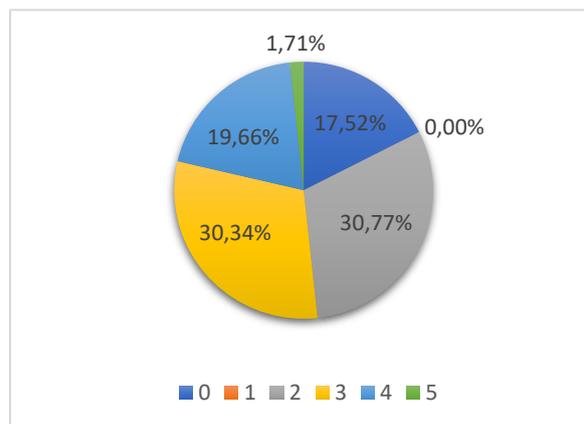


Figura 18 - Métodos de tradução usados na Atividade 7, no ano 2

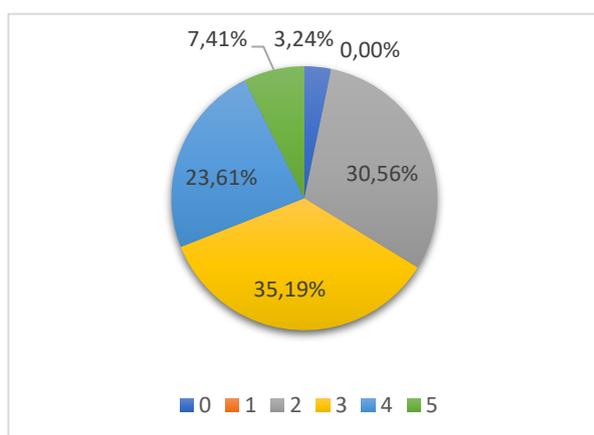


Figura 19 - Métodos de tradução usados na Atividade 7, no ano 3

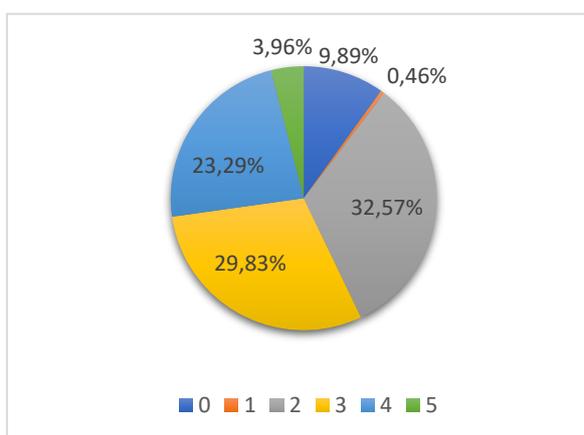


Figura 20 - Métodos de tradução usados na Atividade 7, total

Relativamente à percentagem de zeros, principalmente nos anos 1 e 2, estes números tão expressivos devem-se à não entrega da atividade por parte de alguns alunos, que se escolheu manter na análise, por terem entregado as atividades 4 e final, e o objetivo principal ser analisar a evolução ao longo do semestre. Aliado a isto, houve uma expressão que marcadamente foi omitida pela maioria dos alunos, “练就一手好活 [Liàn jiù yīshǒu hào huó]”, uma vez que não foi realizado nenhum questionário aos alunos para extrair as razões das suas escolhas, apenas se pode profetizar que uma razão para isto pode

³⁴ Legenda dos gráficos: 0 – Omissão/ não resposta; 1 – Tradução mecânica/ “morta”; 2 – Tradução literal; 3 – Tradução mista; 4 – Tradução livre; 5 – Tradução demasiado livre.

ser a dificuldade na sua tradução direta, que tenha levado os alunos a preferirem a sua omissão e tentativa de inclusão do seu significado noutras partes da frase.

Observando as figuras 17 a 20, é perceptível um maior peso da tradução mista, comparativamente à atividade 4 (fig. 13 a 16), em todos os anos. Existe também uma preponderância da tradução literal, em detrimento da tradução livre, nos anos 1 e 2. No ano 3, a tendência é para a tradução mista. Todavia, se agregarmos os valores da tradução livre com a demasiado livre, os valores tornam-se similares aos da tradução literal, e pouco divergem dos da tradução mista, havendo, portanto, um quase equilíbrio entre os métodos utilizados.

Atividade Final	Média	Moda
Ano 1	3,14	4
Ano 2	3,26	4
Ano 3	3,36	4
Total	3,26	4

Tabela 5 - Média e moda da Atividade Final

No que à Atividade Final diz respeito (tabela 5), os valores médios voltam a subir, comparativamente às outras atividades. Nesta atividade, a moda de todos os anos é de tradução livre, mesmo que a média se continue a situar em valores de tradução mista, se bem que, superiores aos das restantes atividades.

Fazendo uma primeira comparação dos dados entre as três atividades, parece haver uma tendência de se iniciar numa tradução literal (na atividade 4), passar a usar uma tradução mista (na atividade 7) e terminar numa tradução livre (na Atividade Final). O que pode denotar um maior à-vontade ou confiança dos alunos nas suas competências, para “arriscarem” na tradução ou um maior uso de meios de tradução automática ou de inteligência artificial, como o *Google Translate*, *ChatGPT*, etc.

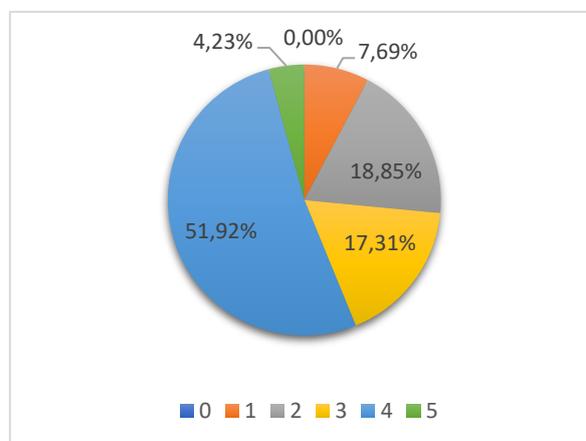
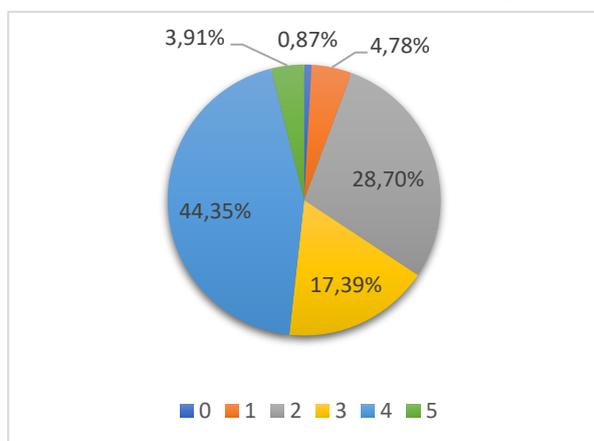


Figura 21 - Métodos de tradução usados na Atividade Final, no ano 1 Figura 22 - Métodos de tradução usados na Atividade Final, no ano 2

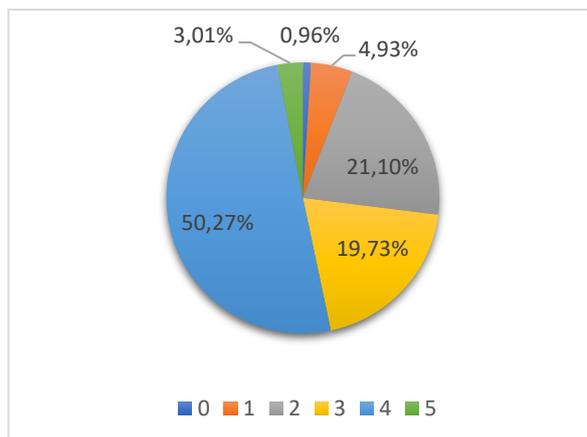
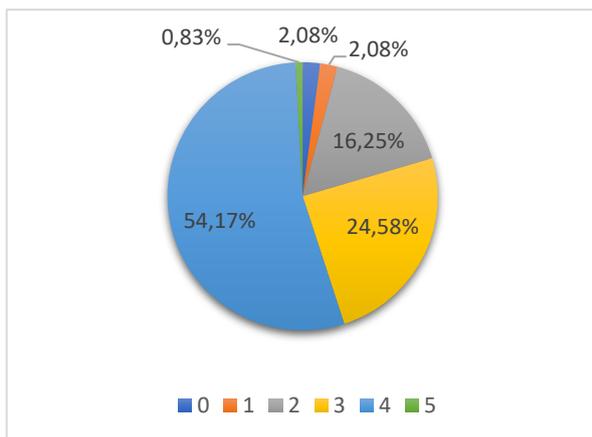


Figura 23 - Métodos de tradução usados na Atividade Final, no ano 3 Figura 24 - Métodos de tradução usados na Atividade Final, total

Pela análise dos gráficos (fig. 21 a 24)³⁵, comprova-se que houve uma diminuição do uso da tradução literal, em todos os anos, e um enorme aumento no uso da tradução livre, com novo recuo dos valores da tradução mista.

Apesar de, no global, termos uma evolução de tendência de uso de tradução literal para o uso de tradução livre, não significa que todos os alunos tenham tido esta evolução, já que não se pode excluir a existência da evolução inversa ou a não alteração do método mais utilizado.

Após a análise dos dados dos métodos de tradução, vejamos agora os dados sobre as notas nas disciplinas de Chinês Moderno V e VI, e em Técnica e Prática da Tradução do Chinês.

	Notas de CM V	Notas de CM VI	Notas de Tradução
Mínimo	10	11	14
Máximo	19	20	19
Média	14	16	17
Desvio padrão	2,2	1,9	1,2
Coefficiente de Variação	0,15	0,12	0,07

Tabela 6 - Resumo das notas obtidas pelos alunos

Como podemos constatar pelos resultados da tabela 6, comparando as notas de chinês, não só existe um aumento da média das notas obtidas pelos alunos, como um aproximar do nível dos mesmos, já que o coeficiente de variação é menor em CM VI do que em CM V, o que significa que a dispersão das notas obtidas se encontra mais próxima à média das mesmas. Verifica-se também que as notas obtidas na UC de Tradução são ainda mais homogêneas, variando de 14 a 19 valores, com média de 17 valores

³⁵ Legenda dos gráficos: 0 – Omissão/ não resposta; 1 – Tradução mecânica/ “morta”; 2 – Tradução literal; 3 – Tradução mista; 4 – Tradução livre; 5 – Tradução demasiado livre.

e coeficiente de variação de apenas 0,07 pontos.

Moda/ Notas	10 – 12	13 – 14	15 – 16	17 – 18	19 – 20	Total
2	8	9	14	10	1	42
3	1	2	5	0	0	8
4	8	5	8	2	0	23

Tabela 7 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de CM V, na Atividade 4

Moda/ Notas	11 – 12	13 – 14	15 – 16	17 – 18	19 – 20	Total
2	0	6	3	3	1	13
3	0	0	4	2	1	7
4	5	11	20	16	1	53

Tabela 8 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de CM VI, na Atividade Final

Fazendo uma distribuição do número de alunos que se encontram num dado intervalo de notas, pela moda das suas respostas, obtemos as tabelas acima, para a Atividade 4 com as notas de CM V (Tabela 7), e para a Atividade Final com as notas de CM VI (Tabela 8). Onde podemos constatar que efetivamente houve uma mudança do método mais utilizado na tradução, porém é inconclusivo se o nível de competência linguística tem influência na escolha do método de tradução mais usado. Se comparamos, em termos de notas de CM VI, a evolução entre as atividades 4 e final (Tabelas 8 e 9), verificamos que houve essa mudança de método mais usado em todos os níveis de notas, onde a maioria passou de utilizar preferencialmente a tradução literal na Atividade 4, para utilizar a tradução livre na Atividade Final.

Moda/ Notas	11 – 12	13 – 14	15 – 16	17 – 18	19 – 20	Total
2	2	10	12	15	3	42
3	0	2	6	0	0	8
4	3	5	9	6	0	23

Tabela 9 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de CM VI, na Atividade 4

Este mesmo cenário é perceptível se analisarmos a evolução entre as Atividades 4 e final, mas com o intervalo de notas finais de Tradução (Tabelas 10 e 11).

Moda/ Notas	14	15 – 16	17 – 18	19 – 20	Total
2	2	11	25	4	42
3	1	1	6	0	8
4	1	7	14	1	23

Tabela 10 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de Tradução, na Atividade 4

Moda/ Notas	14	15 – 16	17 – 18	19 – 20	Total
2	1	5	7	0	13
3	0	3	3	1	7
4	3	11	35	4	53

Tabela 11 - Número de alunos distribuídos por moda e intervalo de notas de Tradução, na Atividade Final

Contudo, mais uma vez, o que podemos concluir são dados genéricos, já que se fossemos analisar caso a caso, verificaríamos a existência de casos inversos, em que o aluno começa com uma preferência marcada pela tradução livre e termina com uma preferência pela tradução literal ou mista, e ainda casos em que simplesmente, no geral, o aluno consegue manter uma preferência pelo mesmo método de tradução, entre as atividades.

Como se pode verificar pelos dados da tabela do Anexo I, ao utilizar as notas como método de análise do nível de competência linguística e de tradução, observa-se que os vários níveis de competência de tradução incluem diferentes níveis de competência linguística, pelo que se pode concluir que o nível de competência linguística não é o único determinante do nível de competência de tradução e/ou o método para análise usado não é o ideal.

Assim, quanto às perguntas formuladas inicialmente, podemos afirmar que:

A. O nível de chinês inicial tem correlação com o método de tradução que os alunos mais utilizam?

- ❖ Ao comparar os dados das notas de chinês V com o método de tradução mais usado na Atividade 4, não foram encontrados dados que suportem que exista uma relação entre o nível de competência linguística inicial com o método mais utilizado na tradução da Atividade 4.

B. Existe uma mudança no método de tradução mais utilizado pelos alunos ao longo do semestre?

- ❖ Ao comparar a evolução do método de tradução usada nas três atividades, por aluno e por ano, verificou-se que efetivamente existe uma mudança no método de tradução mais utilizado no geral, já individualmente, existem alunos que mantiveram o seu método mais utilizado. Quanto à evolução geral, observou-se que a tendência foi de começar na preferência pela tradução literal e terminar em tradução livre. No entanto, existiram

alguns casos contrários, e, como mencionado anteriormente, outros em que não houve alteração.

C. *Existe correlação entre o método de tradução mais utilizado na atividade final e o nível de competência linguística atingida pelo aluno no final do semestre?*

- ❖ Ao comparar os dados de notas de chinês VI com o método de tradução usado na Atividade Final, também não foram encontrados dados que suportem a existência de uma relação entre o nível de competência linguística final com o método de tradução mais usado na Atividade Final.

D. *Existem diferenças significativas comparando com os dois anos letivos anteriores?*

- ❖ Da comparação dos anos conseguimos constatar que existem algumas divergências nos valores do peso de cada método de tradução usado nas atividades, com anos a terem tendências ligeiramente mais fortes do que os restantes. Por exemplo, constata-se que existem pesos da tradução mista no ano 3 superiores aos dos restantes anos, consistentemente entre as atividades, enquanto os maiores pesos de tradução literal se encontram no ano 1.

Concluindo, após a análise das traduções realizadas pelos alunos ao longo do semestre, não se conseguiu apurar nenhum dado que suportasse ou negasse que os níveis de competência linguística tivessem influência sobre a escolha do método de tradução. O que se verificou foi que dentro dos diferentes níveis de competência de tradução existiam diferentes níveis de competência linguística, pelo que esta não deverá ser a única determinante para o nível de competência de tradução, pese embora as críticas que possam ser feitas ao método de análise dos níveis de competências.

Por outro lado, conseguiu-se perceber que, de modo geral, houve uma alteração do método de tradução preferido pelos alunos, de tradução literal para livre. Outro ponto interessante, prende-se com o facto de a preferência pelo método literal se alterar para o livre, que também reflete uma alteração da técnica usada – de estrangeirização para domesticação. As razões para estas mudanças não foram apuradas neste trabalho, mas conjectura-se poderem advir de um uso mais sistemático de programas que ofereçam uma primeira tradução do texto, ficando o aluno apenas com o ónus de rever o TC, ou mesmo de uma maior confiança do aluno na sua própria capacidade em transmitir o significado do TP, sem se manter tão fiel à forma original, ou até de, na ótica de se considerar o leitor como conhecedor

da cultura chinesa, não considerarem importante manter as características culturais do TP e optarem pela domesticação do TC.

Conclusão

Este relatório reflete, em parte, tudo aquilo que foi aprendido ao longo do mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês, assim como o conhecimento já acumulado ao longo da licenciatura que o precedeu. Isto, aliado com a oportunidade de acompanhar externamente a evolução dos alunos ao longo do decorrer da UC de Tradução, proporcionado pelo estágio realizado na ELACH da UM, possibilitou uma maior compreensão e consolidação desse mesmo conhecimento. Assim, chegou-se ao presente relatório, que se espera que adicione um pequeno contributo à área dos Estudos da Tradução, principalmente, do Ensino da Tradução Chinês/Português.

Ao longo do primeiro capítulo foi realizada uma breve apresentação da UC de “Técnica e Prática da Tradução do Chinês”, dos seus objetivos e do seu enquadramento na Licenciatura em Estudos Orientais da UM. O segundo capítulo debruçou-se sobre as teorias e estudos existentes na área da Tradução, nomeadamente, sobre as competências comunicativo-linguísticas e de tradução e sobre os métodos de tradução, principalmente sobre a dicotomia tradução livre e tradução literal. O terceiro e último capítulo é um resumo do trabalho desenvolvido ao longo do estágio, refletindo sobre os métodos de tradução mais utilizados pelos alunos nesta UC, sobre a sua evolução ao longo do semestre e sobre qual é a influência das competências linguísticas no método de tradução mais utilizado.

Quando se iniciou este trabalho, havia algumas ideias sobre o que seria expectável encontrar, particularmente, que haveria mudança dos métodos de tradução mais utilizados pelos alunos ao longo do semestre, o que efetivamente se comprovou na generalidade, mas não para todos os alunos. Outra hipótese inicial era que a maioria dos alunos começariam por preferir uma tradução livre e, ao longo do tempo, trocariam para uma tradução mista, para que a cultura chinesa fosse mais refletida no TC. Ora, o contrário aconteceu, a generalidade dos alunos, inicialmente, preferiu uma tradução literal e foram alterando a sua preferência para a tradução livre. Isto, pode indiciar uma maior confiança nas suas competências, principalmente no que à transmissão do significado diz respeito, e uma maior consciência das limitações da tradução literal e dos problemas que pode originar, conforme visto no Capítulo II. Adicionalmente, ressalva-se que tem havido uma crescente utilização, por parte dos alunos, de formas e meios de tradução automática com ou sem o recurso a inteligência artificial, como o *ChatGPT*, *Google Translate*, entre outros, que levanta questões acerca do que se faz em Tradução – de tradutores passarem a revisores textuais – e como se ensina a Tradução, aliado a como se deve enfrentar e adaptar a este novo paradigma da Tradução. Por estes motivos, e embora não tenha sido o foco neste trabalho,

prevê-se a necessidade de mudança de métodos de ensino e avaliação, assim como da obsolescência da tradução convencional ou “pura”.

Relativamente a dificuldades sentidas, a maior prendeu-se com a manutenção da objetividade da análise dos dados, que se tentou ultrapassar com uma definição clara dos parâmetros a usar. Porém, não se pode, em boa-fé, afirmar que a subjetividade foi totalmente erradicada da análise. Deve-se ter também em atenção que o tamanho da amostra é pequeno, pelo que uma análise futura com melhores dados ou diferente metodologia pode ser suscetível de invalidar os resultados aqui obtidos. Neste sentido, considera-se proveitosa uma análise alargada a mais anos letivos, aumentando, desta forma, o tamanho da amostra, assim como a utilização de mais expressões para análise, podendo estas estar enquadradas num texto de uma atividade, como as aqui analisadas, ou ser criado um formulário com expressões fixas para os alunos traduzirem no início e final do semestre, de forma a estabelecer uma mais fiável correspondência dos métodos de tradução usados e da sua evolução. Paralelamente, para apurar possíveis razões da preferência por um ou outro método de tradução, seria pertinente colocar questionários aos alunos, de forma a recolher dados de possíveis influências internas ou externas nessas escolhas.

Por último, fica aqui a sugestão para trabalhos futuros do uso de outros métodos de análise ou mesmo da implementação de um projeto-piloto de estudo e acompanhamento de algumas turmas, ao longo da Licenciatura, de forma a obter melhores dados, não só para esta UC, como também, quiçá, para outras que igualmente beneficiariam de tal estudo, como, por exemplo, as UC de Chinês Moderno.

Referências

- Barbe, K. (2002). The Dichotomy Free and Literal Translation. *Meta*, 41(3), 328–337.
<https://doi.org/10.7202/001968ar>
- Chinese Testing International Co., Ltd. (s.d.). *Kaoshi jieshi—Hanyu kaoshi fuwuwang 考试介绍—汉语考试服务网* [“Introdução ao teste—Serviço online de Teste de chinês”].
<https://www.chinesetest.cn/gosign.do?id=1&lid=0>
- Departamento de Estudos Asiáticos. (s.d.a). *Departamento de Estudos Asiáticos*. Departamento de Estudos Asiáticos. <https://dea.elach.uminho.pt/>
- Departamento de Estudos Asiáticos. (s.d.b). Licenciaturas—Departamento de Estudos Asiáticos [DEA - Licenciaturas]. *Departamento de Estudos Asiáticos*. <https://dea.elach.uminho.pt/licenciaturas/>
- Dong, D. (2017). *Knowledge, skills and resources in Chinese translation*. Routledge Handbooks Online.
<https://doi.org/10.4324/9781315675725.ch3>
- González-Davies, M. (2020). Developing mediation competence through translation. Em *The Routledge Handbook of Translation and Education* (pp. 433–450). Routledge Handbooks Online.
- Language Network. (2021, setembro 30). *Brief History of Translation: Everything You Need to Know*.
Language Network. <https://www.languagenetworkusa.com/blog/brief-history-of-translation-everything-you-need-to-know>
- Lu, W., & Fang, H. (2012). *Reconsidering Peter Newmark’s Theory on Literal Translation*.
<https://www.semanticscholar.org/paper/Reconsidering-Peter-Newmark-%E2%80%9F-s-Theory-on-Literal-Lu/c0a158ecd4df00260a72f9f60ba8d1124a550add>
- Ma, H. 马会娟. (2013). *Han yi Ying Fanyi nengli yanjiu 汉译英翻译能力研究* [Estudo da Competência de Tradução de Chinês para Inglês]. Beijing Normal University Press.
<https://wewread.qq.com/web/bookDetail/7c432fb05c5fbc7c44ba7d8>

- Malmkjær, K. (2009). What is translation competence? *Revue française de linguistique appliquée*, XIV(1), 121–134. <https://doi.org/10.3917/rfla.141.0121>
- Newark, P. (1988). *A Textbook Of Translation*. <http://archive.org/details/ATextbookOfTranslationByPeterNewmark>
- PACTE. (2003). Building a translation competence model. Em *Triangulating translation: Perspectives in process oriented research* (pp. 43–66). John Benjamins Publishing Co. <https://www3.uji.es/~aferna/EA0921/3b-Translation-competence-model.pdf>
- Popescu, T. (2011). Linguistic competence vs. Translation competence: A pedagogic approach. *FLTLAL 2011 Proceedings/1st International Conference on Foreign Language Teaching and Applied Linguistics May 5-7 2011*, 1183–1189.
- Salamah, D. (2021). Translation Competence and Translator Training: A Review | International Journal of Linguistics, Literature and Translation. *International Journal of Linguistics, Literature and Translation*, 4(3). <https://doi.org/10.32996/ijllt.2021.4.3.29>
- Sánchez, C. D. (2007). *PROFICIENCY GUIDELINES TO DETERMINE LEVELS OF COMMUNICATIVE TRANSLATION COMPETENCE IN TRANSLATION TRAINING*. UNIVERSIDAD NACIONAL.
- União Europeia. (s.d.). *Common European Framework of Reference for Language skills | Europass*. Europass - União Europeia. <https://europa.eu/europass/pt/common-european-framework-reference-language-skills>
- Universidade do Minho. (2023). *Estudos Orientais: Estudos Chineses e Japoneses (Licenciatura)*. Oferta Educativa. https://www.uminho.pt/PT/ensino/oferta-educativa/_layouts/15/UMinho.PortalUM.UI/Pages/CatalogoCursoDetail.aspx?itemId=4675&catId=14
- Universidade do Minho. (s.d.a). *Apresentação. ELACH - Apresentação*. <https://www.elach.uminho.pt/pt/ELACH/Paginas/apresentação.aspx>

Universidade do Minho. (s.d.b). *Brasão*. Brasão. <https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Brasao/Paginas/default.aspx>

Universidade do Minho. (s.d.c). *Campi*. ELACH - Campi. <https://www.elach.uminho.pt/pt/ELACH/Paginas/Campi.aspx>

Universidade do Minho. (s.d.d). *Factos e Números*. Factos e Números. <https://www.uminho.pt/PT/uminho/Informacao-Institucional/Paginas/Factos-e-Numeros.aspx>

Universidade do Minho. (s.d.e). *História*. <https://www.uminho.pt/PT/uminho/Informacao-Institucional/Paginas/Historia.aspx>

Universidade do Minho. (s.d.f). *Identidade Gráfica*. Identidade Gráfica. <https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Identidade-grafica/Paginas/default.aspx>

Universidade do Minho. (s.d.g). *Técnica e Prática da Tradução do Chinês*. Oferta Educativa - LEO:ECJ. https://www.uminho.pt/PT/ensino/oferta-educativa/_layouts/15/UMinho.PortalUM.UI/Pages/CatalogoCursoDetail.aspx?itemId=4675&catId=14

Universidade do Minho. (s.d.h). *UMinho Campi* [Mapa]. <https://campi.uminho.pt/CG.html>

Zhuo, Y. (2022). Translation strategies of Domestication and Foreignization used in Network Catchwords. *Advances in Educational Technology and Psychology*, 6(4), 59–64. <https://doi.org/10.23977/aetp.2022.060410>

Anexo I – Compilação dos dados analisados

Identificador anônimo	Notas CM V	Notas CM VI	Notas Tradução	Atividade 4 - média	Atividade 7 - média	Atividade Final - média	Atividade 4 - moda	Atividade 7 - moda	Atividade Final - moda
1010001	10	12	16	3,38	3,33	3,20	4	4	4
1010005	11	13	16	3,13	2,67	2,90	2	2	2
1010006	14	16	17	2,88	2,78	2,70	2	2	2
1010007	11	15	16	3,50	#DIV/0!	3,40	4	0	4
1010008	16	17	16	2,63	2,78	2,60	2	2	2
1010010	13	14	17	3,00	3,11	2,90	3	4	2
1010011	15	15	15	3,00	2,89	3,10	2	2	2
1010012	16	14	14	2,75	2,63	3,50	2	2	4
1010013	16	17	16	2,50	3,00	2,40	2	2	2
1010014	17	19	18	2,75	3,00	2,90	2	2	2
1010016	15	14	17	2,88	3,13	3,20	2	3	4
1010017	13	14	17	2,86	2,43	3,40	2	2	4
1010018	11	13	14	3,00	3,25	3,20	2	4	4
1010019	16	16	17	3,25	2,89	3,30	3	3	3
1010020	15	16	14	3,25	2,67	3,00	4	2	4
1010022	16	18	19	2,75	2,78	3,80	2	3	4
1010025	14	14	17	2,88	3,00	2,78	2	2	2
1010026	19	20	19	3,00	2,75	3,40	2	3	3
1010027	10	15	17	3,25	3,29	3,70	4	3	4
1010028	18	18	15	3,43	2,78	3,10	4	2	4
1010029	15	16	18	3,25	3,11	3,00	3	3	4
1010031	12	14	14	2,88	3,22	3,00	3	3	2
1010032	12	15	16	2,88	2,89	3,70	2	2	4
2010002	11	14	17	2,75	2,78	3,50	2	2	4
2010003	15	17	17	3,00	2,89	3,40	4	3	4
2010004	16	18	17	3,38	2,57	2,70	4	2	4

2010005	16	15	18	3,63	3,22	3,00	4	3	4
2010006	13	14	18	3,13	3,00	3,50	4	3	4
2010007	17	17	17	3,14	2,75	3,70	4	2	4
2010008	17	18	18	2,75	3,22	3,50	2	3	4
2010009	17	18	17	3,38	2,75	3,10	2	2	4
2010010	15	15	18	2,88	3,11	3,40	2	3	4
2010011	17	17	17	2,88	2,88	3,40	2	2	4
2010012	12	12	15	3,25	3,00	2,70	4	3	4
2010013	12	14	18	3,63	2,75	2,60	4	3	2
2010014	17	16	18	3,00	2,75	3,50	2	2	4
2010015	14	16	17	3,13	2,33	3,30	2	2	4
2010016	15	15	17	2,63	3,00	3,70	2	3	4
2010017	12	13	17	3,13	2,71	4,10	2	2	4
2010018	15	16	17	2,25	3,13	3,70	2	3	4
2010019	12	14	17	3,63	#DIV/0!	2,60	4	0	2
2010021	14	15	17	3,63	2,71	3,10	4	2	4
2010024	15	15	18	3,25	3,00	2,90	4	3	2
2010025	13	13	18	3,13	3,44	3,40	2	3	4
2010026	13	13	18	3,13	2,71	3,80	4	2	4
2010027	12	11	16	2,63	#DIV/0!	2,90	2	0	4
2010028	16	15	17	3,13	3,22	2,90	3	4	4
2010029	14	15	18	3,63	2,43	3,10	4	2	4
2010030	17	19	18	2,88	2,88	3,30	2	2	4
3010001	12	13	16	3,13	2,75	3,90	4	2	4
3010002	16	16	19	3,38	3,25	3,20	4	3	4
3010003	17	18	19	2,88	3,00	3,67	2	3	4
3010004	18	18	17	2,88	3,11	3,00	2	2	3
3010006	13	15	16	3,13	3,11	3,00	4	2	3
3010007	18	18	19	2,75	2,89	3,90	2	3	4
3010008	16	17	16	2,88	2,75	3,30	2	2	4
3010009	16	17	17	2,63	2,89	3,10	2	2	3

3010010	16	18	16	2,75	3,11	3,22	2	3	4
3010011	16	17	18	2,75	3,00	3,20	2	2	4
3010013	16	18	17	2,88	2,89	3,10	2	2	4
3010014	18	18	18	2,88	2,89	3,30	2	3	4
3010015	16	16	16	3,29	3,11	3,00	3	3	3
3010017	13	16	18	3,25	2,89	3,40	2	2	4
3010018	14	14	18	3,50	3,11	4,00	2	2	4
3010019	14	16	18	3,00	3,38	3,40	2	3	4
3010020	16	17	18	3,00	3,33	3,70	4	3	4
3010021	11	12	16	3,25	3,44	2,80	2	3	4
3010022	11	15	16	2,88	2,89	3,56	2	2	4
3010023	14	16	17	2,75	3,22	3,80	3	3	4
3010024	16	17	16	3,25	3,00	2,90	4	2	2
3010025	10	12	17	3,50	3,00	3,40	4	2	4
3010026	13	15	15	3,00	4,13	3,00	2	5	3
3010027	15	15	17	2,71	2,88	3,80	3	2	4

Anexo II – Textos das Atividades analisadas

Atividade número 4 – Texto “马马虎虎 [mǎmahǔhu]”

马马虎虎

宋代时京城有一个画家，作画往往随心所欲，令人搞不清他画的究竟是什么。一次，他刚画好一个虎头，碰上有人来请他画马，他就随手在虎头后画上马的身子。来人问他画的是马还是虎，他回答：“马马虎虎！”来人不要，他便将画挂在厅堂。大儿子见了问他画里是什么，他说是虎，小儿子问他，他却说是马。

不久，大儿子外出打猎时，把人家的马当老虎射死了，画家不得不给马主赔钱。他的小儿子外出碰上老虎，却以为是马想去骑，结果被老虎活活咬死了。画家悲痛万分，把画烧了。

从此，“马虎”这个词就流传开了，用来形容某人办事粗心大意。

(autor desconhecido)

Atividade número 7 – Texto “狗不理 [gǒu bù lǐ]”

天津狗不理包子

“狗不理”始创于 1858 年。清咸丰年间，河北武清县杨村（现天津市武清区）有个年轻人叫高贵友，因其父四十得子，为求平安养子，故取乳名“狗子”，期望他能像小狗一样好养活（按照北方的习俗，此名包含着淳朴挚爱的亲情）。

狗子十四岁来津学艺，在天津南运河边上的刘家蒸吃铺做小伙计，狗子心灵手巧又勤学好问，加上师傅们的精心指点，高贵友做包子的手艺不断长进，练就一手好活，很快就小有名气了。

三年师满后，高贵友已经精通了做包子的各种手艺，于是就独立起来，自己开办了一家专营包子的小吃铺“德聚号”。

由于高贵友手艺好，做事又十分认真，从不掺假，制作的包子口感柔软，鲜香不腻小，形似菊花，色香味形都独具特色，引得十里百里的人都来吃包子，生意十分兴隆，名声很快就响了起来，由于来吃他包子的人越来越多，高贵友忙得顾不上跟顾客说话，这样一来，吃包子的人都戏称他为“狗子卖包子，不理人。”久而久之，人们

喊顺了嘴，都叫他“狗不理”，把他所经营的包子铺称作“狗不理包子”，而原来的店铺字号却渐渐被人们忘记了。

狗不理包子是天津最著名的风味名点之一，目前已经有了英文名字“Go Believe.”

(autor desconhecido)

Atividade Final – Texto “吃在中国 [chī zài zhōngguó]”

吃在中国

谈起中国的饮食，需要数小时，甚至几天夜都说不完。中国的饮食世界闻名。中国地大物博，人口众多，不同地区的饮食各有千秋，美味佳肴种类繁多，数不胜数。最有名的是中国八大菜系广东菜（即粤菜），湖南菜（湘菜），福建菜，四川菜（川菜），江苏菜（苏菜），浙江菜，山东菜（鲁菜）和安徽菜。

除了八大菜系，还有一种菜，外国游客一定要品尝一下，这就是北京的仿膳，它是清朝皇帝，尤其是慈禧太后喜欢吃的菜式，以北方出产的原料为主，做法和色、香、味都很讲究，还使用专用的餐具-万寿无疆瓷器，勺子和筷子是银制的。

总的来说，中国人的口味特点是：南甜北咸，东酸西辣。北方人爱吃肉和面食，南方人爱吃米饭和青菜，沿海人爱吃海产品。面食的种类有：馒头，饺子，包子，面条，烙饼等。北方人喜欢吃面食，而南方人则常年吃米饭，粥食，糯米糕，米粉等等。

(autor desconhecido)

Anexo III – Ficha de apreciação de desempenho de estágio

Por motivos de integridade do ficheiro, a Ficha de apreciação de desempenho de estágio encontra-se anexada nas duas páginas seguintes.



Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas
Departamento de Estudos Asiáticos

FICHA DE APRECIÇÃO DE DESEMPENHO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM ESTUDOS INTERCULTURAIS PORTUGUÊS/CHINÊS

(A preencher pelo Coordenador de Estágio)

Nome do/a Estagiário/a: Ana Isabel da Silva Gonçalves

Nome da Empresa: Departamento de Estudos Asiáticos, ELACH, UMinho

Coordenador de Estágio: Bruna Peixoto

E-mail do/a coordenador/a: bpeixoto@elach.uminho.pt **Tlf.:** 967417497

Para cada um dos fatores apresentados, classifique o desempenho do/a estagiário/a de acordo com a seguinte escala:

1 – Mau; 2 – Insuficiente; 3 – Suficiente; 4 – Razoável; 5 – Bom; 6 – Muito Bom;

N.a. – não se aplica

Fator	Desempenho						
	1	2	3	4	5	6	N.a.
Tarefas Desempenhadas						X	
Conhecimentos evidenciados						X	
Iniciativa						X	
Posicionamento perante dificuldades					X		
Aprendizagem					X		
Aperfeiçoamento do desempenho					X		
Relação com as chefias						X	
Relação com os colegas							X

Parecer:

A Ana Isabel demonstrou um desempenho notável ao longo do seu estágio curricular. A sua boa vontade e atitude positiva foram evidentes desde o início, refletindo-se na sua disposição para assumir todas as tarefas com dedicação. A sua capacidade e conhecimentos permitiram-lhe uma profunda compreensão das responsabilidades associadas à função. Para além disso, demonstrou facilidade de comunicação e iniciativa na procura de tarefas. A sua resposta rápida e autonomia no desempenho das suas funções são elogiáveis. A sua aptidão para a tradução destaca-se também como uma competência valiosa para o desempenho das tarefas que lhe foram atribuídas. A Ana demonstra ser uma profissional responsável e confiável, uma vez que cumpriu com as solicitações e prazos estabelecidos, garantindo que todas as tarefas fossem concluídas de forma eficaz e dentro dos padrões esperados. Em resumo, demonstrou um desempenho exemplar em todas as áreas avaliadas. Estou certa de que a sua combinação de competência, iniciativa, responsabilidade e habilidades de comunicação faz dela um elemento valioso em qualquer equipa.

Data: Braga, 21 de outubro de 2023

Assinatura: